

MONUMENTA ANCHIETANA — OBRAS COMPLETAS
DO PE. JOSÉ DE ANCHIETA

Publicação recomendada pelo Papa Paulo VI

ESIA

DE GESTIS MENDI DE SAA — POEMA ÉPICO, 336 pp., 2.ª ed., São Paulo, 1984.
POEMAS EUCARÍSTICOS E OUTROS, 246 pp., São Paulo, 1975.
TEATRO DE ANCHIETA, 376 pp., São Paulo, 1977.
POEMA DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA, MÃE DE DEUS, I e II, 744 pp., São Paulo, 1980.
LÍRICA PORTUGUESA E TUPI, I, 232 pp., São Paulo, 1984.
LÍRICA ESPANHOLA, II, 164 pp., São Paulo, 1984.
Introdução, tradução e notas: PE. ARMANDO CARDOSO, S.J.

OSA

CARTAS DE ANCHIETA — CORRESPONDÊNCIA ATIVA E PASSIVA.
Introdução, tradução e notas: PE. HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S.J., 540 pp., São Paulo, 1984.
SERMÕES DE ANCHIETA (em preparação).
FRAGMENTOS HISTÓRICOS E INFORMAÇÕES (em preparação).
DOCTRINA CRISTÃ. Em tupi com tradução (em preparação).
CATECISMO. Em tupi com tradução (em preparação).
GRAMÁTICA TUPI E VOCABULÁRIO TUPI (em preparação).

BRAS SOBRE O PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

ANCHIETA, O APÓSTOLO DO BRASIL, PE. HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S.J., 344 pp., 2.ª ed., São Paulo, 1980.
BIOGRAFIA DE ANCHIETA, QUIRÍCIO CAXA (em preparação).
VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, PÉRO RODRIGUES, S.J., 160 pp., 3.ª ed., São Paulo, 1981.
O NOME DE ANCHIETA NO BRASIL E NO MUNDO (em preparação).
PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO — TESTEMUNHOS SELETOS (em preparação).
ANCHIETA NA PINTURA, ESCULTURA, MEDALHAS E SELOS POSTAIS (em preparação).
BIBLIOGRAFIA ANCHIETANA E ÍNDICE DAS OBRAS COMPLETAS (em preparação).

A NACIONAL DE ANCHIETA: 9 de junho.

Decreto 55.588-MEC do Presidente Castello Branco, de 18 de janeiro de 1965.

CENTENÁRIO DA MORTE DE ANCHIETA, 1997.

Comissão preparatória e Portaria 158 de 12-3-1979 do Ministro Euzébio Brandão, do Ministério da Educação e Cultura, art. 4.º: "Organizar edição crítica do 'Monumenta Anchieta', Obras Completas".

Pe. JOSÉ DE ANCHIETA, S.J.

CARTAS

Correspondência ativa e passiva

OBRAS COMPLETAS — 6.º VOLUME

Pesquisa, Introdução e Notas
do

Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.

EDIÇÕES LOYOLA

Em convênio com a

VICE-POSTULAÇÃO DA CAUSA
DE CANONIZAÇÃO DO BEATO
JOSÉ DE ANCHIETA

SÃO PAULO

1984

AVILA 2 -

18
42 cópias

TE+H+J

Copyright
EDIÇÕES LOYOLA

CAPA:

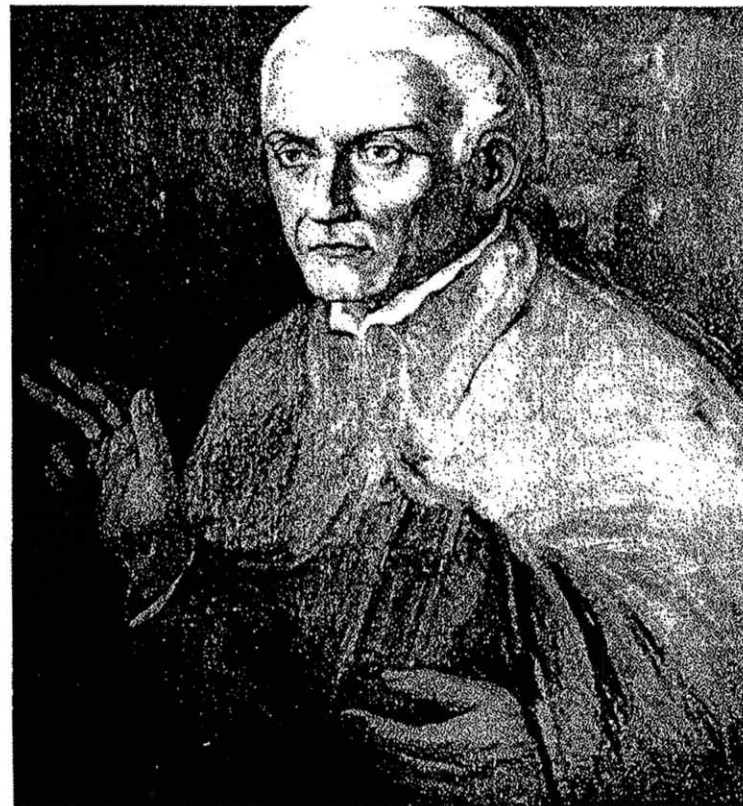
FRANCISCO CARLOS GÓNGORA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Todos os direitos reservados

EDIÇÕES LOYOLA
Rua 1822 n.º 347 — Caixa Postal 42.335 — Tel.: 914-1922 — São Paulo

IMPRESSO NO BRASIL



A SANTO INÁCIO DE LOIOLA,
para que continue abençoando a sua
Companhia de Jesus no Brasil.

"Muita obrigação tem Vossa Reverenda Paternidade de mandar operários para tão fecunda messe. Esperamos confiadamente que o faça, porquê Deus, pelo cuidado que tem desta região, a entregou à particular administração de Vossa Reverenda Paternidade". Anchieta, em carta a Santo Inácio de Loyola, ano de 1554. MB, II, 118.

tocópias, a maior parte da documentação dos arquivos romanos a respeito do Apóstolo do Brasil. Sem isso, dificilmente poderíamos hoje usufruir de um melhor conhecimento da figura de Anchieta e de sua obra singular.

São Paulo, 23 de agosto de 1983

Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J.

IV CARTAS

1. QUADRIMESTRE DA PROVINCIA DE PORTUGAL A SANTO INÁCIO DE LOIOLA

Coimbra, 26 de abril de 1553

AUTORES: J. Polanco, *Chronicon*, III, 411, n. 907; S. Leite, HCJB, I, 561; H. A. Viotti, *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*, 23.

TEXTO: *Monumenta Historica Societatis Jesu, Litterae Quadrimestres*, II, pp. 223-227 (226); 228-232 (231); 234-239 (236). Aproveita-se o texto espanhol de Marcos Jorge (*Litt. Quadr.* II, 231).

IMPRESSÃO: *Mon. Hist. S.J., Litterae Quadrimestres*, II, Madrid, 1895.

HISTÓRIA DA IMPRESSÃO: O tomo citado imprime o autógrafo latino do P. Pedro Dias; a versão espanhola do I. Marcos Jorge (depois padre), autógrafo, e com um apêndice a mais que o texto precedente; e a tradução latina, feita por este e retocada por Polanco. Documentos, que hoje fazem parte do Arquivo Romano da Companhia de Jesus.

DATA: Os três textos estão igualmente datados de Coimbra, a 26 de abril de 1553.

EDIÇÃO: Imprime-se aqui apenas o trecho, que interessa à biografia de Anchieta. Em nossa versão portuguesa, de acordo com o plano estabelecido para este volume das *Obras Completas* de Anchieta.

SUMARIO

1. Mandados cinco jesuítas para a Índia e sete para o Brasil.
2. Embora em maioria doentes, o fato, não só não lhes serviu de escusa, mas foi razão apresentada para serem enviados.

[.....]

1. "Entre padres e irmãos, enviaram-se este ano para a Índia cinco, e para o Brasil, sete,¹ todos generosamente dispostos, para quaisquer trabalhos.

2. Não obstante serem a maioria deles seriamente doentes, este fato, pela bondade de Deus, não só não lhes serviu de impedimento para a viagem, mas antes tornaram a enfermidade como argumento e motivo eficaz para persuadir ao Padre Doutor² que os deixassem ir morrer entre infiéis, porquê, quando menos, para o ensino das crianças lá poderiam servir".

[.....]

NOTAS:

1. Sob a chefia do P. Luís da Grã, foram enviados os Padres Ambrósio Pires e Brás Lourenço, e os Irmãos Antônio Blásquez, Gregório Serrão, João Gonçalves e José de Anchieta.

2. Padre Doutor Miguel de Torres, que sucedera a Simão Rodrigues na direção da Província de Portugal.

CARTAS PERDIDAS.

1a. *Quadrimestre de janeiro a maio de 1554.* De Piratininga, ou São Vicente, antes da segunda quinzena de junho, pois, ao que se sabe, teria o Pe. Leonardo Nunes partido daqui pelo dia 15 desse mês.

Referências: a) "Julgo que na outra carta ficou explicado suficientemente o que se passa nestes lugares". *Quadrimestre de maio a setembro de 1554*, § 1. b) De tudo isto escrevi por miúdo na carta precedente, que abrangeu até o mês de junho". *Ibidem*, § 1.

1b. E outras. *Cartas aos de Coimbra*, anteriores e posteriores à segunda quinzena de junho de 1554.

Referências: a) "Estamos, como lhes escrevi, nesta Aldela de Piratininga". *Carta aos padres e irmãos de Coimbra*, de 15 de agosto de 1554, § 2. b) "Já vos escrevi outras e, principalmente, pelo Pe. Leonardo Nunes". *Carta aos irmãos enfermos de Coimbra*, de 20 de março de 1555.

2. CARTA DO IRMÃO JOSÉ DE ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA

Piratininga, julho de 1554

BIBLIOGRAFIA: Streit, II, 339, n. 1239; 1) Millares Carlo, *Escritores de Canarias*, 78, n. 1; 2) Millares Carlo, *Escritores de Canarias*, 78, n. 1; 2) S. Leite, HCJB, VIII, 18, n. 6.

AUTORES: S. Leite, HCJB, I, 42; V. Nemésio, *O campo*, 380; H. A. Viotti, *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*, 38.

TEXTO: ARSI, Epp. NN. 95, f. 105-105v. Autógrafo anchietano. Indicações: "1ª Via", e endereço igualmente autógrafo: "Para Nuestro Padre Maestro Ignatio, Prepósito General de la Compañía de Jesus. Puede verla el P. Provincial de Portugal". Notou o arquivista: "De Giusepho, del mese di Luglio. Ricevuta alli 26 di Febraio 1556".

IMPRESSÃO: Em *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, XIX, (1897), 53-54; "Cartas de Anchieta", ed. da Academia Brasileira de Letras, *Cartas Jesuíticas*, III, 67-69; S. Leite, *Mon. Bras.*, II, 75-80.

HISTÓRIA DA IMPRESSÃO: Em *Anais*, imprimiu-se o autógrafo espanhol; em *Cartas Jes.*, III, a tradução portuguesa de A. de Alcântara Machado; em *Mon. Bras.*, igualmente o autógrafo, tal como existe no Arquivo Romano da Companhia de Jesus.

EDIÇÃO: Imprime-se nova tradução do texto em português. Mais fiel ao original espanhol.

SUMÁRIO

1. Rapazes mestiços seriam de utilidade para a conversão do gentio, mas não se pode confiar plenamente neles, como demonstra episódio recente. 2. Convém tratá-los como a índios, na idade da discreção enviá-los a Portugal; à volta, se lá forem educados, poderão prestar bons serviços. 3. Em troca, venham irmãos de Coimbra, por doentes que sejam, desde que virtuosos. 4. Para tratar sobre esse e outros assuntos, com o Geral e o Rei, embarcou Leonardo Nunes. 5. Ainda na Bahia, autorizara Nóbrega ao P. Azpilcueta Navarro, que acompanhasse uma entrada, ida ao sertão em procura de ouro.

Jesus Maria

A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre em nossas almas. Amém.

Mui Reverendo em Cristo Padre.

1. Todo este tempo que havemos estado aqui, nos mandaram de Portugal alguns dos meninos órfãos, aos quais tivemos e temos conosco, sustentando-os com muito trabalho e dificuldade. Isso nos moveu a que recolhêssemos aqui também alguns órfãos, principalmente dos mestiços da terra, assim para os amparar e ensinar, porquê é a mais perdida gente desta terra. E alguns piores que os mesmos índios (como disse na quadrimestre de agosto)¹ e temos que é tão importante ganhar um destes como ganhar um índio, porque neles está muita parte da edificação ou destruição da terra, como também porque são línguas e intér-

pretos para nos ajudar na conversão dos gentios. E dentre eles os que fossem suficientes e tivessem boas partes recolhê-los por irmãos, e aos que não fossem tais dar-lhes vida por outra via.

Quis agora Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia, dar-nos a conhecer que não é gente de que se deva fazer caso para a conversão dos infiéis. Porque um deles, que era casado e outros dois, de que fazíamos alguma conta, tentados do espírito de fornicção, fugiram no mês de julho. Pôs-se logo muito côbro e diligência e apanharam-nos. Isso nos deu bem claro conhecimento deles.²

2. Pareceu por isso a nosso padre,³ juntamente com os irmãos todos, a quem tudo comunicou, encomendando-o a Nosso Senhor, que será grande serviço de Deus tê-los e criá-los na mesma conta que os índios. E, ao chegarem aos anos da discrição, mandá-los a Espanha, onde há menos inconvenientes e perigos para serem ruins, do que aqui, onde as mulheres andam nuas e não se sabem negar a ninguém, antes elas mesmas acometem e importunam aos homens, lançando-se com eles nas redes, porque têm por honra dormir com os cristãos. E assim quererá Nosso Senhor que daqui a oito ou nove anos, sendo eles o que devem e tendo as partes que se requerem para a Companhia, vindo a estas regiões, farão grande fruto nos gentios, o que agora não fazem porque não têm nenhuma autoridade entre eles.

3. E da mesma forma, se se houvessem de fazer aqui casas da Companhia, seria bom que fizéssemos troca com os irmãos do Colégio de Coimbra, de maneira que nos mandassem para cá os mal dispostos de lá, contanto que tenham fundamento de virtude, os quais aqui sarariam com os trabalhos e bondade da terra, como temos experimentado nos enfermos que de lá vieram, e aprenderiam a língua dos índios. E daqui lhes enviaríamos destes mestiços, dos quais alguns que tivessem qualidades para ser irmãos, recolhêssemos nos colégios, e aos que não (as tivessem) colocassem nas casas dos órfãos, como agora se faz com alguns deles. E isto é grande serviço de Deus, porque estes (como já disse), se são ruins, destroem o edificado.

4. A superintendência sobre eles se devia ter pelos padres da Companhia, separadamente dos irmãos. E a resolução disto V.R. Paternidade, juntamente com o padre provincial, devia negociar com El-Rei, por ser grande honra de

Deus e proveito de seu reino. E porque destas e outras coisas não se pode dar informação bastante por escrito, mandou nosso padre este ano ao Pe. Leonardo Nunes,⁴ que leva tudo em apontamento para praticar com V.R. Paternidade e Sua Alteza.

5. Estando nosso padre na Bahia de Todos os Santos,⁵ determinou Sua Alteza mandar doze homens⁶ pelo sertão a descobrir ouro, que diziam existir, para o que o Governador Tomé de Sousa pediu um padre, que fosse com eles em lugar de Cristo, a fim de não irem desamparados. E por nosso padre o não poder negar, e principalmente por descobrir muitas gerações, que sabia por informação haver naquelas paragens, muito boas, e vendo tão boa ocasião por serem aqueles grandes línguas e [homens] escolhidos, mandou com eles ao Pe. Navarro. Eles vão buscar ouro, e ele vai buscar tesouro de almas, que naqueles lugares há muito copioso. E por aquelas partes cremos se entra até às Amazonas. Agora tivemos notícia de que no mês de março de 1554,⁷ entraram pela Capitania, que chamam de Porto Seguro. E o mais que suceder, da Bahia se escreverá.

Do mês de julho de 1554, de Piratininga.

Por comissão do Reverendo em Cristo Padre Manuel da Nóbrega.

O mínimo da Companhia de Jesus,

José.

(Endereço autógrafo): † Para nosso Padre Mestre Inácio, Prepósito Geral da Companhia de Jesus. Pode vê-la o padre provincial de Portugal. (1.^a via).

NOTAS:

1. A referência à *quadrimestre de agosto*, nesta carta de julho, explica-se, pelo fato dessa carta (de maio a setembro), já estar em parte elaborada.

2. Com este episódio se relaciona a farsa, encenada para fins educativos, pelo Pe. Manuel da Nóbrega. Para reparar o escândalo, dado em Piratininga, por certo mameluco, candidato à Companhia, tê-lo enterrar vivo, por ele celebrando exéquias o Pe. Manuel de Paiva. *História de la fundación del Colegio del Rio de Enero*, em *Anais da Bibl. Nac.*, XIX, 123. Vasconcelos, *Crônica*, I, 1, § 129, onde cita (1.^a ed.): Joseph cap. 38. A. Franco, *Imagem de Coimbra*, II, 189.

3. A expressão *nosso padre*, que se repete nesta carta, indigita a pessoa do superior, Pe. Manuel da Nóbrega.

4. V. carta de Nóbrega de 10-3-1553. Tratase de salvar a obra da Confraria do Menino Jesus, em conexão com o Colégio dos Meninos *Orfãos*, fundado em Lisboa pelo Pe. Pedro Doménech. Ignorava-se no Brasil que, a essa altura, o colégio passara a outras mãos.

5. Nunes embarcara por meados de junho. Carta de Pêro Correia de 18-7-1554, MB, II, 71. A 30 de junho, perecera em naufrágio. *Bras.* 13, 85. *Lus.*, 58, *Necrol.* I, 31v-37. Sua morte ainda era ignorada em São Vicente.

6. Cf. carta de Nóbrega, de 14-9-1551, MB, I, 294.

7. Cf. Capistrano de Abreu, *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, Rio, 1930, 152.

8. A expedição, chefiada pelo castelhano Francisco Bruza de Espinoza, em que foi o Pe. Navarro, e que regressou do interior a 6 de junho de 1555, deve ter-se iniciado por 20 de dezembro de 1553, conforme o testemunho de Navarro e de Blásques. MB, II, 57-58 e 245.

3. CARTA DO IRMAO JOSÉ DE ANCHIETA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

Piratininga, 15 de agosto de 1554

BIBLIOGRAFIA: Streit, II, 342, n. 1244 (por erro aí se mencionam os *Diversi Avisi*); S. Leite, HCJB, VIII, 19, n. 10; *Mons. Bras.*, II, 80-82.

TEXTO: Segundo *Cópia de unas cartas*, Lisboa, 1555, o texto original estava em português. Escrevendo, aliás, aos de Coimbra, usaria naturalmente dessa língua. O texto de *Cópia* é, pois, uma tradução espanhola desse original, hoje perdido.

IMPRESSÃO: *Cópia de unas cartas*, Lisboa, 1555, n. 8; *Cópia de diversas cartas*, Barcelona, 1556, n. 8; nova ed., Saragoça, 1561, n. 8; *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (ABNRJ), III (1877), 322-323; *Cartas jes.*, III, 85-86; S. Leite, *Mons. Bras.*, II, 80-82.

HISTÓRIA DA IMPRESSÃO: *Cópia, Anais e Mon. Bras.*, imprimem a tradução espanhola; *Cartas jes.*, III, a versão portuguesa de Alcântara Machado.

DATA: Mencionando o dia de São Lourenço (10 de agosto), e omitindo a partida de Pero Correia e João de Sousa (24 de agosto de 1554), de que fala na *Quadrimestre de maio a setembro*, a data desta carta se situa entre essas duas datas, necessariamente.

EDIÇÃO: Imprime-se aqui nova versão do texto espanhol de *Mons. Bras.*, procedente de *Cópia de unas cartas*, Lisboa, 1555.

SUMÁRIO

1. Mal pode a correspondência, com a dificuldade das comunicações, mitigar a saudade entre irmãos ausentes. 2. Grande escola para os filhos dos índios, que são a alegria e esperança dos missionários. 3. Dia de São Lourenço, recebem eles roupas, de panos doados pelo Rei; seus cantares; vinda de novos índios. 4. Expectativa favorável sobre a conversão dos carijós; um de seus principais, vindo a chamar os padres para sua terra. 5. Venha a fé, pelas orações de todos, libertar do cativeiro do demônio os habitantes do Novo Mundo.

A graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em nosso contínuo favor e ajuda. Amém.

Caríssimos padres e irmãos.

1. Grande creio que será o desejo que lá terão de saber a nosso respeito, porque, se o medirmos pelo que nós aqui temos de saber dos de lá, não pode deixar de ser muito grande. Mas é necessário que tenhamos paciência, pois apenas de ano em ano parte um navio. Será isto ocasião de mais intimamente nos amarmos e nos unirmos espiritualmente, pois, nem sequer por cartas, podemos corporalmente. No que não vos damos vantagem, porque não se pode apartar de nossos corações a contínua lembrança desses caríssimos irmãos, de sua vinda para colher algum fruto, do muito que por falta de obreiros se perde nestas vastíssimas terras da gentildade, que estão mui secas por falta da água salutar da palavra de Deus.

2. Estamos, como lhes escrevi,¹ nesta Aldeia de Piratininga, onde temos uma grande escola de meninos, filhos de índios, ensinados já a ler e escrever, e aborrecem muito os costumes de seus pais, e alguns sabem ajudar a cantar a missa.² Estes são nossa alegria e consolação, porque seus pais não são muito domáveis, posto que sejam muito diferentes dos das outras aldeias, porque já não matam nem comem contrários, nem bebem como dantes.

3. Dia de São Lourenço,³ se deram algumas roupas a alguns deles, do pano que El-Rei nos dá de esmola, coisa com que folgamos muito. E assim quase todas as noites se juntam a cantar coisas de Deus em sua língua. Alguns de outras aldeias se vêm a fixar nesta [aldeia] com suas casas.

4. Da maneira dos carijós, de que outras vezes escrevi,* e de outras nações, para as quais há por aqui entrada aberta, temos muito boas notícias e muita esperança de que haja o Senhor de fazer nelas muito fruto. E agora temos até mais do que notícias, porque veio cá um principal destes índios que chamam carijós, que é senhor daquela terra, com muitos criados seus, e não veio senão a buscar-nos para que vamos a suas terras a ensiná-los. Diz-nos sempre que lá vivem eles como animais sem saber as coisas de Deus. E afirmo-lhes, caríssimos irmãos, que é bom cristão e mui discreto, que nenhuma coisa tem de índio.*

5. Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia plante em toda a terra sua santa fé, libertando-a do grande cativo em que está do demônio, o que todos, caríssimos irmãos, devem pedir com muita instância a Nosso Senhor cada dia em suas orações, nelas se recordando de nós.

A 15 de agosto de 1554.*

[José]

NOTAS:

1. Além de uma primeira quadrimestre, abrangendo o período de janeiro a maio, outras cartas ainda, dirigidas a Coimbra, se devem ter perdido no naufrágio, em que pereceu Leonardo Nunes.

2. A grande escola de meninos, que de junho a agosto esteve confiada ao Irmão Antônio Rodrigues (MB, II, 106), e que em agosto era levada avante pelo próprio Anchieta (MB, II, 121), deve ter tido de janeiro a maio quem a dirigisse em Piratininga. Não há documento de que nesses primeiros meses aí estivesse Antônio Rodrigues.

3. 10 de agosto de 1554.

4. "Outras vezes" escrevera Anchieta a respeito dos carijós. Textos perdidos, como se diz na nota n. 1.

5. Segundo Vasconcelos (*Crônica*, 1.1, § 198), o nome desse principal cristão era Antônio de Leiva. Para se ir com ele e os seus para o sertão esteve Nóbrega determinado, a primeira vez em 1554 (Polanco, *Chronicon*, S.J., IV, 627), segunda no ano seguinte, viagem frustrada pela chegada de Luís de Grã (*Historia de la fundación del Colegio del Rio de Enero*, em *Anais da Bibl. Nac.*, XIX, 479-480).

6. Data, que o contexto impõe. "A 15 de março de 1555" é como se lê em *Cópia de unas cartas* (1555).

4. CARTA DO IRMÃO ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA.

Piratininga, fins de agosto de 1554

BIBLIOGRAFIA: Na bibliografia anchietana, apresentada em HCJB, VIII, ainda não se menciona esta carta.

AUTORES: J. Polanco, *Chronicon*, IV, §§ 1343, 1344, 1346, 1350. Havendo sido, em boa parte, vertida para o latim por João de Polanco, a carta chegou ao destino, tal como a escreveu em Piratininga o Irmão José de Anchieta, pelo mês de agosto de 1554. Maior prova de sua autenticidade não se poderia exigir.

TEXTO: Arquivo da Província de Toledo, Madrid (hoje em Alcalá), *Varia Historia*, III, ff. 620-620v. Título: "Cópia de una carta del P. Joseph en agosto 1554, aviso de aquel tiempo". Confirma-se por outra letra sua autoria: "† Anchieta". Trata-se de cópia em espanhol. Escrevendo a Santo Inácio, usaria Anchieta a língua espanhola.

IMPRESSÃO: S. Leite, *Mon. Bras.*, II, 118-123.

DATA: É possível que a data, "Agosto 1554", tenha sido acrescentada por outrem, mas não vemos razão para isso. Posterior certamente à partida de Pêro Correia e João de Sousa, a 24 de agosto de 1554. Para a notícia do espanhol, prisioneiro dos tupis em Cananéia, haveria tempo de chegar essa informação a Piratininga, antes de 31 desse mês.

EDIÇÃO: Imprime-se aqui a versão portuguesa do texto espanhol de *Varia Historia*.

COMENTÁRIO: Esta carta, apresentada ao "Congresso de História, comemorativo do IV centenário da fundação de São Paulo", pelo historiador espanhol Salvador López Herrera, ali não foi acolhida, por parecer de Serafim Leite, que a considerou apócrifa. Publicando-a em *Mon. Bras.*, tece longo comentário, para reduzi-la a um *apanhado* de notícias de outras cartas. Não sabemos como deixou de mencionar ter sido ela aproveitada pelo secretário de Santo Inácio, João de Polanco.

SUMÁRIO

1. Em Piratininga, desviados os catecúmenos do canibalismo, estão ainda muito arraigados nas suas festas gentílicas. 2. Um índio, batizado outrora pelos portugueses, vem alvoroçar a aldeia, para as mesmas festas. 3. Anchieta, mestre da escola dos meninos. 4. Roupas distribuídas no dia de São Lourenço a esses meninos. 5. Índios novamente chegados; um deles particularmente fiel aos ideais cristãos. 6. Manuel de Palva, removido para São Vicente, ali se dedica com fruto à pregação. 7. Pêro Correia entre os índios da Ribeira; um espanhol por estes aprisionado dentre os carijós. 8. Só dois estudantes de gramática, dispersados os demais, pela escassez dos víveres. 9. Na expectativa da revoada das formigas comestíveis, votos de outras iguarias espirituais.

A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre em nossas almas. Amém.

1. Estamos nesta nova povoação de catecúmenos, chamada Piratininga, onde o Senhor, por sua misericórdia e bondade infinita, quer trazer algumas destas ovelhas perdidas ao rebanho de sua Igreja. E isto com não pequeno trabalho, que com eles temos, pregando-lhes continuamente e atraindo-os por quantas vias podemos, porque é gente tão indômita e bestial, que toda sua felicidade tem posta em matar e comer carne humana. Disso, pela bondade de Deus, temos apartado a estes. E contudo tão arraigado têm o costume de beber e cantar seus cantares gentílicos, que não há remédio para os desviar de todo de tais coisas. De sorte que, muitas vezes nos dão muita tribulação, e principalmente depois que tornaram da guerra,¹ ocasião em que muitos deles se foram daqui, para se ver livres de nós outros, que nunca deixamos de os importunar a que larguem de todo os seus maus costumes.

2. Um índio, que há muito tempo fôra batizado por uns cristãos portugueses que aqui moraram,² se afastou destes para viver mais à sua vontade. E este veio um dia, com duas mulheres, cantando pela aldeia, segundo seu costume gentílico, e incitando os outros a fazer o mesmo. Um irmão, que tem o cargo de os ensinar, se levantou com umas disciplinas e os deitou fora, se bem que o índio se mostrou muito desabrido contra ele.³ Este nos tem feito aqui muito mal, movendo aos outros a que bebam e cantem como antes. E assim alguns e os mais deles nos dão bem em entender, como sua dureza.

3. Visto o que, nosso principal fundamento está na doutrina das crianças, às quais lhes ensino a ler, escrever e cantar.⁴ A estes trabalhamos por ter debaixo de nossa mão, para que depois venham a suceder no lugar de seus pais, formando um povo de Deus.

4. Dia de São Lourenço se deram algumas roupas a alguns deles, do pano que o Sereníssimo Rei de Portugal nos dá de esmola.⁵ E com isto se cativam tanto, como se lhes dessem grande coisa. E assim quase todas as noites, se ajuntam eles a cantar cantares de Deus em sua língua, ao contrário de seus pais, para que *ex ore infantium ac lactentium perficiatur laus propter inimicos ejus.*⁶

5. Alguns índios de outras aldeias se vêm a morar conosco, com toda sua casa, e um principalmente, que de todo quer renunciar aos seus costumes e seguir o que lhe dissermos. Este e sua mulher são catecúmenos. Têm grande cuidado de guardar suas filhas virgens, dizendo que não as hão de casar, a não ser com cristãos, o que é bem diverso do que fazem os outros, que não somente não as guardam, mas antes as dão a quem queira. Seja Deus por tudo louvado!

6. Agora foi mandado o Padre Manuel de Paiva a residir em São Vicente, entre os Cristãos. Temos a respeito dele boas notícias: é grande pregador, se bem não letrado, de maneira que a gente o estima em muito, e assim se espera que fará muito fruto entre eles.⁷

7. Chegou-nos igualmente a nova de que os índios da ribeira, aonde foi enviado o Irmão Pero Correia, deram nos contrários e fizeram neles grande mortandade e cativaram a um espanhol, que estava entre eles. Queira Nosso Senhor que, por meio do irmão, não o matem, porque muito o estimam os índios.⁸ Se tivermos novas do sucesso, na outra quadrimestre o escreverei.

8. Presentemente dois irmãos estudam gramática.⁹ Os demais, que aprendiam, estão espalhados em diversas partes entre os índios, porque lá são também necessários, mas também por causa do sustento, o qual é tão fraco que, muitas vezes e quase sempre, nos sustentamos com folhas de mostarda cozidas, de que existe aqui farta abundância, e abóboras da terra e farinha de pau.¹⁰

9. Agora esperamos um certo gênero de formigas que, quando enxameiam, são os filhotes um pouco maiores e temos-las aqui por manjar delicado. E não pensamos que, quando as temos, que temos pouco.¹¹ Queira Nosso Senhor nos dar manjares espirituais que nos fartem e redundem nestas almas, para que não desfaleçam no caminho da salvação, que Deus por sua misericórdia lhes quer manifestar. Pedimos, pois, humildemente a V.R. Paternidade e a todos os nossos irmãos, que se lembrem continuamente de nós em seus santos sacrifícios e orações.

Deste lugar de Piratininga e casa de São Paulo, do mês de agosto de 1554.

Minimus Societatis Jesu,

José

NOTAS:

1. A guerra, em que tomam parte os catecúmenos de Piratininga é, sem dúvida, a que vem narrada na seguinte *Quadrimestre de maio a setembro* (§ 13) e na qual os índios de nossa parte obtêm a vitória, reanimados pelo sinal da cruz.

2. Alusão ao fato de que, vinte e poucos anos antes da fundação do Colégio de São Paulo, existira, junto ao Rio Piratininga (Tamanuati) certa povoação, fundada por Martim Afonso de Sousa, da qual logo depois se retiraram os portugueses. Carta de Nóbrega ao Rei (MB, IV, 16).

3. Não seria impossível que o encarregado de ensinar aos adultos fosse Pêro Correia, com o qual se começou em São Vicente esse ensino. O fato se teria passado, antes de sua partida, a 24 de agosto, para Superagui. O trecho vem traduzido para o latim pelo Padre João de Polanco: "Et quendam christianum, olim a christianis baptizatum, qui, cum duabus foeminis, Piratiningam veniens, ad hujusmodi abusus alios sollicitabat, quidam ex nostris, qui eos docebat, cum flagello surgens contra eum, ab eo loco expulit". (*Chronicon*, IV, 628, § 1344).

4. Antônio Rodrigues, cuja presença na fundação de São Paulo não consta (teria permanecido em Manicoba, com Francisco Pires, até ser ali substituído por Vicente Rodrigues, antes do mês de julho), nesse mês era o mestre dos *corumins* (MB, II, 106; *ibid.*, 70). Como "principal instrumento" de Nóbrega, para a viagem ao Peru, nesse ano de 1554, sabe-se pelo *Chronicon* (IV, 627, § 1343), que adoeceu na ocasião gravemente. Agora em agosto quem ensina aos meninos indígenas é Anchieta. Qual dos dois teria sido no princípio e durante mais tempo, nesse ano de 1554, o mestre dos *corumins*? Em agosto seria ele um dos dois únicos estudantes de gramática em Piratininga? (V. § 8 desta mesma carta). É perfeitamente duvidoso. Eis porque a tradição, que faz de Anchieta em São Paulo, desde o início, não apenas "o mestre de latim", mas também dos meninos índios, já adiantados no conhecimento do português, continua solidamente fundamentada.

5. 10 de agosto de 1554. A mesma notícia, na Carta n. 3 *Aos Padres e Irmãos de Coimbra* de 15 de agosto. "Ipso die Sancti Laurentii quibusdam ex pueris vestes donatae fuerunt... ex pano, quem Rex Portugalliae mitti nostris jusserrat, quae res mirum in modum eorum animos devinciebant" (*Chronicon*, IV, 628, § 1345).

6. *Sl.*, VIII, 3; *Mt.*, XXI, 16.

7. Tal notícia de nenhum outro documento consta, a não ser desta carta. Se Polanco, que assim a traduz: "In ipsum oppidum mense Augusto missus est P. Emmanuel de Paiva, ut inter christianos ibi resideret, et egregie praedicatoris officii fungebatur, nec medicorum fructus ex ejus labore expectabatur" (*O. cit.*, IV, 630, § 1350), menciona aqui o mês de agosto, não tem outra explicação possível, senão, porque ela lhe chegou datada desse mês!

8. A excursão missionária de Pêro Correia é narrada igualmente na *Quadrimestre de maio a setembro* (§ 28), como em vários ou-

tros escritos de Anchieta, que adiante se verão. Deu-se a 24 de agosto de 1554. Noutra *Quadrimestre de setembro a dezembro* (§ 14) já se diz que esse espanhol, por interferência de Correia, ficou livre.

9. Em Manicoba, se encontravam com Francisco Pires, Vicente Rodrigues, Gregório Serrão e outro irmão, não nomeado. Pêro Correia e Fabiano de Lucena acabavam de partir. Outros estariam em Jaraibatiba e qualquer outra aldeia dos arredores de Piratininga. Um dos dois que ficaram foi Gonçalo de Oliveira (excelente aluno de latim, aliás) e que, no seu testemunho, no *Processo Informativo de Olinda* de 1619, menciona explicitamente esse período de extrema penúria em Piratininga. H. A. Viotti, S.J., *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*, São Paulo, 1966, 63.

10. Eis a versão latina de Polanco: "Quamvis complures ex nostris per diversa loca inter indos spargerentur, quod eorum opera ipsis esset necessaria, etiam ad id movebat difficultas eos uno loco alendi, num aliquando, imo saepe, foliis quibusdam sinapis decoctis cum cucurbitis et farina quadam lignea victitabant". (*Chronicon*, IV, 628-629, 1346). Já em 1556, a situação tinha melhorado: organizara-se o aproveitamento da terra, sob a direção de certo Aires Fernandes. Ver Carta de Nóbrega (MB, II, 282, § 5).

11. "Sed sub autumnum lautius vivebatur — prossegue Polanco (*O. cit.*, IV, 628, § 1346) — cum quoddam genus formicarum fillorum suorum examina educerent, quae ejus erant magnitudinis et bonitatis, ut pro delicato cibo haberentur, cum haberi poterant". O "outono", de que aí fala Polanco, corresponde de fato à nossa primavera, que antes do calendário gregoriano, começava a 15 de setembro. Mais adiante, na Carta 11, § 20, larga descrição das *tanafuraz*, ou *igás*, cujos machos recebem o nome de *bitus* (vitus). A *saiva* (igçaua) são as formigas operárias, assexuadas, a serviço das demais, como se dá com as abelhas.

5. QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO, DIRIGIDA POR ANCHIETA A SANTO INÁCIO DE LOIOLA, ROMA.

São Paulo de Piratininga, (1.º de setembro de) 1554

BIBLIOGRAFIA: *Catálogo dos Manuscritos*, I, 33; *Cimélio*, 499; *Streit*, II, 339, n. 1238; Millares Carlos, *Escritores de Canárias*, 78, n. 2; S. Leite HCJB, VIII, 18, n. 7.

AUTORES: J. Polanco, *Chronicon*, IV, 612-615 e 622-627; Vasconcelos, *Crônica*, L. I, § 153; A. Franco, *Imagem de Coimbra*, II, 233; HCJB, I, 272-273; F. Fernandes, 134, 142; V. Nemésio, 338-344; Viotti, *Anchieta*, 55.

TEXTO: ARSI, *Bras.* 3-I, ff. 373-375v. (numeração antiga). A descrição que se faz em *Mon. Bras.*, II, 83, de dois documentos existentes no ARSI (*Bras.*, 3-I, ff. 115r-117v. e *Bras.*, 3-I, ff. 119r-123v.), e que trazem o texto latino desta *Quadrimestre*, não confere com seu texto latino, fotocopiado em 1929 no ARSI e que tenho em

meu poder. Sob cota Bras., 3-I, ff. 373-375v., o documento se estende por cinco páginas e meia (não por cinco apenas, nem muito menos por dez, como os descritos em *Mon. Bras.*, II, 83). É todo de uma só letra, parecidíssima aliás com a letra de Anchieta e trás a sua assinatura autógrafa. Deve ser o original. Outro texto latino da mesma *Quadrimestre* é o que se lê no *Livro copiadore de São Roque*, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, I-5, 2, 38, ff. 199r-205r, este seguramente um apógrafo.

IMPRESSÃO: *Cópia de unas cartas... de la India, Japon y Brasil*, Lisboa, 1555; *Cópia de diversas cartas*, Barcelona, 1556; *Cópia de diversas cartas*, Saragoça 1561; *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, I (1876), 60-75; *Cartas jes.*, III, 1933, 71-77; *Mons. Bras.*, II, 83-125 (texto latino e versão portuguesa de S. Leite).

HISTÓRIA DA IMPRESSÃO: Imprimiu-se em parte, com acréscimos de outra *Quadrimestre*, em *Cópia* (1555, 1556, 1561) em espanhol, e nos *Anais*, em tradução portuguesa. Dessa *Quadrimestre*, em seu texto isolado, fez Teixeira de Melo a versão portuguesa, defeituosa, publicada em *Anais* e nas *Cartas jes.*, III, 35-49.

LÍNGUA: Se houvesse existido o original português desta interessantíssima carta anchietana, não é explicável que o tivessem deixado desde logo desaparecer, nos primeiros anos de sua existência (1554-1564). Nem seria crível que o *Livro copiadore de São Roque*, organizado entre 1560 e 1565 (*Mons. Bras.*, I, 68), o tivesse rejeitado, para aproveitar sua tradução latina, a mesma aliás existente em Roma. O documento deve, conforme exigia sua destinação para publicidade em toda a Europa, ter sido vassado desde o início na língua do Lácio, que Anchieta dominava como poucos. Quanto à expressão *passeres*, designativa dos *pardais*, não existentes então no Brasil, pode muito bem ter sido usada com alguma liberdade (como já o fora ao passar ao português...) para designar simplesmente *pássaros* (aves pequenas). Ou ainda para designar "pardais da terra", nossos vulgares *tico-ticos* (*zonotrichia capensis* subtorquata) da família dos fringídeos.

DATA: A *Quadrimestre de maio a setembro*, já estaria em parte elaborada em agosto, o que explica designá-la assim em outros documentos. É o mês de setembro que se expressa na cópia do Rio de Janeiro.

EDIÇÃO: Aproveita-se aqui a excelente tradução do P. Serafim Leite, em *Monumenta Brasiliæ*, conferida entre os vários textos existentes.

SUMARIO

1. Embora leve informações o P. Leonardo Nunes, escreve sobre quanto em Roma se deseja saber. 2. Em quatro lugares, sob a obediência de Nóbrega, vivem os jesuítas no Brasil. 3. Na Bahia, capital da colônia, vivem Luís da Grã, João Gonçalves e Antônio Pires. 4. Na Capitania de Porto Seguro, Ambrósio Pires e Antônio

Blázques. 5. Na Capitania do Espírito Santo, Braz Lourenço e Simão Gonçalves. 6. Na de São Vicente os demais, vindos de Portugal, ou recebidos na terra. 7. Pareceu a Nóbrega, que se mudassem a Piratininga alguns irmãos, o que se efetuou dia da Conversão de São Paulo. 8. Mestre dos indiozinhos é Antônio Rodrigues. 9. Homens e mulheres aprendem a doutrina, em português e na língua própria. 10. Morre, reconciliado com a Igreja, índio, que veio do sertão com Pêro Correia. 11. Morte de outro, batizado outrora em Piratininga pelos portugueses. 12. Morte providencial de mal intencionados carijós. 13. Vitória dos índios de Piratininga contra inimigos, com o sinal da cruz, e reação contra os pajés. 14. Com Nóbrega, sete irmãos em Piratininga. 15. A pequena casa, construída pelos índios, onde vivem em muito aperto, vai ser substituída. 16. Lição de gramática ao ar livre, para os irmãos. 17. Em velhíssima cabaninha, a escola dos meninos. 18. Alimentação precária em Piratininga. 19. Para ela concorre, com seu trabalho, um irmão ferreiro. 20. Sarou em Piratininga, um irmão português, que até então sempre estivera doente. 21. Outra aldeia, onde trabalham Francisco Pires e Vicente Rodrigues. 22. Os índios, no meio dos quais vivem, são todos antropófagos. 23. Sem lei, nem estruturas jurídicas. 24. Necessária dispensa de impedimentos (que não sejam de direito divino), para os casamentos dos índios. 25. Estorvos à conversão, criados por certos cristãos, filhos de um português e mãe brasileira. 26. Carijós mais distantes, sob o domínio dos castelhanos, mais aptos a receber a fé. 27. Para oeste até o Peru, índios de maior civilização, conhecidos de um irmão. 28. Excursão de Pêro Correia a abrir caminho até os ibirajaras. 29. Espera-se a chegada de Luís de Grã. 30. Ouro, prata e ferro, recém-descobertos, atrairão novos povoadores, facilitando a conversão.

Jesus Maria

A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em nossos corações. Amém.

1. Julgo que na outra carta¹ ficou explicado suficientemente o que se passa nestes lugares e sobretudo nesta nova povoação de cristãos. Mas, julgando que é pouco conhecido de V.R. Paternidade como vai cada uma das coisas que se fazem aqui onde estamos, e levados também pela carta² de V.R. Pateridade, há pouco recebida, procuraremos informá-lo de tudo aquilo que escreve ser-lhe necessário conhecer, ainda que há de ter melhor e mais clara notícia pelo P. Leonardo, que partiu de cá para aí há poucos dias.³

2. Vivemos nesta Índia Brasileira dispersos em quatro partes, sob a obediência do Reverendo em Cristo P. Manoel da Nóbrega.

3. Na Bahia de Todos os Santos, que também se chama Cidade do Salvador, onde reside o Governador com os

nobres, está o P. Luís da Grã com o Ir. João Gonçalves e o P. Antônio Pires, que lá chegou há pouco⁴ vindo de Pernambuco, distante daquela Cidade 300 milhas. Ocupam-se em pregações e o Irmão a ensinar os meninos. Outro Irmão nosso, de nome Domingos Pecorella, intérprete dos índios, admitido aqui na Companhia, passou há pouco ao Senhor.⁵

4. Noutra Capitania, que chamam Porto Seguro, distante da precedente 180 milhas, reside o P. Ambrósio Pires com o Ir. Antônio Blásques. Esta Capitania está dividida em quatro⁶ vilas de portugueses. Algumas distam três, outras seis milhas, entre si; cada semana cultiva espiritualmente todas estas povoações com não pouco trabalho, ora celebrando missa, ora fazendo pregações. Freqüentemente também é necessário celebrar e pregar aos domingos duas vezes e ir de vez em quando a outra povoação, 18 milhas distante destas. Espera-se o maior fruto, não só por causa do amor que todos lhe dedicam, mas também pela boa opinião que há de sua virtude e doutrina. Ao nosso Irmão Antônio,⁷ seu companheiro, foi entregue o ensino dos meninos nos rudimentos da fé e nos elementos de ler e escrever. Não têm trato nenhum com os índios, porque são indómitos e ferozes nem se dobram à razão. Na carta Quadri-mestre, que será mandada da Cidade do Salvador, o que lá [Bahia] e ali [Porto Seguro] se faz escreverão mais pormenorizadamente, como foi mandado aos Irmãos: estando mais perto, poderão mais facilmente comunicar-se uns com outros.

5. A estas duas segue-se a terceira Capitania, que se chama Espírito Santo, distante da Bahia de Todos os Santos 360 milhas, na qual trabalha na pregação da palavra de Deus o P. Brás Lourenço com o Ir. Simão Gonçalves admitido cá⁸ na Companhia. Consegue-se abundantíssimo fruto, porque uns contraem matrimônio com as concubinas, suas escravas; e outros começam a viver no caminho da salvação, apartando-as de si. Nisto brilha sobretudo a virtude dum grande e nobre senhor que entrou na via reta da salvação, repudiando a concubina com quem vivera unido muito tempo e da qual tivera filhos. Não é também pequena a emenda e correção em extirpar os outros vícios. Para evitar os juramentos, foi instituída uma Confraria de Caridade:⁹ os que desejam entrar nela, se se acusam espontaneamente no caso de jurarem, pagam certa quantia para o casamento de alguma órfã; se porém são acusados por outro, pagam o

dobro. Deste modo só raríssimamente se pronuncia com irreverência o nome de Deus. Mas se alguns, vindo de fora, lá chegam e juram, sem saberem o que está estabelecido, são logo repreendidos pelos outros e acautelam-se para o futuro.

As aldeias¹⁰ dos índios estão distantes. Mas os escravos, que constituem a maioria da população, são instruídos na doutrina cristã. Quatro ou cinco meninos órfãos, dos que nasceram de pai português e mãe brasileira, vivem em nossa casa sujeitos aos padres e reservados para o Colégio, se vier a fazer. A todos eles dá mantimento a mesa de Cristo. Estas e as restantes coisas, que se fazem lá, tornar-se-ão conhecidas pormenorizadamente por cartas do mesmo padre.

O vestuário é o mesmo que usam os nossos irmãos em Portugal, e é-nos dado pelo Rei Sereníssimo. Em vez de camas, a maior parte dos Irmãos usa uns panos de algodão, tecidos à maneira de rede e dependurados das traves por duas cordas; alguns porém, que se encontram adoentados¹¹ deitam-se em camas como em Portugal.

6. Falta só a quarta Capitania de Portugueses, separada 720 milhas da Cidade do Salvador. Está dividida em seis¹² vilas, numa das quais chamada São Vicente, moraram até agora os irmãos da nossa Companhia: o Reverendo em Cristo P. Manoel da Nóbrega, o P. Manoel de Paiva, o P. Francisco Pires, o P. Vicente Rodrigues, o P. Afonso Brás, e o P. Leonardo,¹³ que partiu este ano para Portugal a fim de poder lá haver conhecimento mais exato e mais certo das coisas que se fazem cá; e também o Ir. Diogo Jácome, Gregório Serrão e eu, todos mandados de Portugal.

Cá foram admitidos na Companhia Pero Correia, dos nobres deste reino,¹⁴ muito conhecedor da língua dos índios, que trouxe o maior auxílio à conversão dos infieis com a grandíssima autoridade que tem junto deles e com o conhecimento exatíssimo da língua; Antônio Rodrigues e Manoel de Chaves, Fabiano¹⁵ e Antônio¹⁶ — todos intérpretes dos índios; — Mateus Nogueira, João de Souza, Gonçalo,¹⁷ Antônio.¹⁸ Todos estes como disse acima, residiam em São Vicente entre os portugueses, onde tinham juntado muitos filhos dos índios de diversas partes e os instruíam muito bem nos rudimentos da fé cristã, nas primeiras letras e na escrita.¹⁹

7. Para sustento destes meninos, a farinha de pau era trazida do interior, da distância de 30 milhas. Como era

muito trabalhoso e difícil por causa da grande aspereza do caminho, ao nosso Padre²⁰ pareceu melhor no Senhor mudarmos-nos para esta povoação de índios, que se chama Piratininga. Isto por muitas razões: primeiro, por causa dos mantimentos; depois, porque se fazia nos portugueses menos fruto do que se devia, ainda que logo ao princípio o trato do padre²¹ lhes trouxe a maior vantagem, como será fácil entender do P. Leonardo, que foi o primeiro da Companhia a vir para aqui; e especialmente porque se abriu por aqui a entrada para inúmeras nações, sujeitas ao jugo da razão. Por isso, alguns dos irmãos mandados para esta aldeia no ano do Senhor de 1554, chegamos a ela a 25 de janeiro e celebramos a primeira missa numa casa pobrezinha e muito pequena no dia da conversão de S. Paulo,²² e por isso dedicamos ao mesmo nome esta Casa. De tudo isto escrevi por miúdo na carta precedente que abrangeu até o mês de junho.²³ Falta continuar brevemente o que depois se passou.

Residimos aqui ao presente oito²⁴ da Companhia, aplicando-nos a doutrinar estas almas e pedindo à misericórdia de Deus Nosso Senhor que finalmente nos conceda acesso a outras mais gerações, para serem subjugados pela sua palavra. Julgamos que todas elas se hão de converter muito facilmente à fé, se lha pregarem.

8. Estes, entre os quais vivemos, entregam-nos de boa vontade os filhos para serem ensinados, os quais depois, sucedendo a seus pais poderão constituir um povo agradável a Cristo. Na Escola, muito bem ensinados pelo mestre Antônio Rodrigues,²⁵ encontram-se 15 já batizados e outros, em maior número, ainda catecúmenos. Os quais, depois de rezarem de manhã as ladainhas em coro na Igreja, a seguir à lição, e de cantarem à tarde a Salve Rainha, são mandados para suas casas; e todas as sextas-feiras fazem procissões com grande devoção, disciplinando-se até o sangue.

9. Nesta aldeia, foram admitidos para o catecismo 130 e para o batismo 36, de toda idade e de ambos os sexos. Ensina-se-lhes todos os dias duas vezes a doutrina cristã, e aprendem as orações em português e na língua própria deles. A frequência e concurso das mulheres é maior. Todos os domingos se lhes celebra missa; mas muitos dos catecúmenos levam a mal serem mandados embora depois do ofertório²⁶ e pedem-nos assiduamente que os admitamos ao batismo. Se o não fazemos é por precaução, para que não

voltem ao vômito dos antigos costumes,²⁷ pois pensamos que o batismo não lhes deve ser concedido senão depois de longa prova.

Vendo o Senhor que se aproximavam agora do verdadeiro estado e prática da fé, começou a privar muitos desta vida, para os levar para a eterna, segundo cremos. Cuidou-se com a maior diligência e zelo que morressem muitos firmes na fé. Entre estes também alguns inocentes passaram ao Senhor, depois de recebido o batismo.

10. Um dos principais que, deixando a pátria, distante daqui mais de 300 milhas, viera ter conosco, acompanhado do Ir. Pero Correia, afim de receber os preceitos da lei divina e a doutrina da fé cristã, tendo ido um dia à povoação dos portugueses²⁸ afastada de nós 9 milhas, e sendo convidado por um cristão a beber, respondeu que determinara deixar os antigos costumes e que isso lhe estava proibido por nós. Insistiu o outro: não tenhas medo, que eles não virão a saber. Vencido afinal por longa importunação, consentiu e deu-se à bebida. Por causa dela, caiu em gravíssima doença, a que se seguiu a morte. Faleceu porém confesso e contrito, depois de recebido o batismo.²⁹ Este costumava repetir-nos a cada passo que muitas vezes era chamado do céu e incitado a vir ter conosco por um filho seu inocente, falecido depois do batismo, e que não duvidava ter sido trazido aqui pelo filho.

11. Outro, que fora há muito feito cristão pelos portugueses, que habitaram outrora nesta vila,³⁰ mas se apartara de nós para poder seguir com mais liberdade os costumes gentílicos, viu-se atingido de grave doença e, manifesto juízo de Deus! não pôde aproveitar-se do auxílio dos irmãos. Pois, quando chegamos, já tinha perdido o uso da fala; e vindo a morrer, para terror dos outros, privamo-lo de sepultura eclesiástica, e se sepultou como gentio que como gentio vivera.

12. Nem parece menos digno de admiração outro caso. Tendo o nosso Padre³¹ decidido que levássemos à sua terra alguns índios, que chamam carijós, para que ajudassem os restantes a converter-se à fé de Cristo, atacou-os doença súbita de que morreram quase todos. Ora soubemos depois que eles não estavam bem dispostos conosco e tinham assentado apartar-se de nós, quando estivessem na própria terra, ou fazer-nos outro mal maior. Mas, sem ajuda deles,

se alguma vez formos àquela nação ou a outras muitas, vizinhas desta, esperamos colher maior fruto.

13. Estes, com quem vivemos, têm muito antigas inimizades com outros da mesma nação e por isso freqüentissimamente há guerra entre uns e outros para a qual se juntam muitos de diversas partes; e até quando nós estávamos entre eles, partiram contra os inimigos. Na véspera de entrarem em luta, os que tinham vindo doutras partes, como é costume deles, construíram uma pequena cabana [e] começaram a oferecer sacrifício aos seus feiticeiros (a quem chamam pajés)²² perguntando-lhes que lhes iria suceder no combate. Sendo convidados para isso também os nossos catecúmenos e outros entre os quais a palavra de Deus já fora semeada por meio dos irmãos da Companhia, responderam que não queriam prestar fé àquelas mentiras que traziam o seu Deus nos próprios corações e que fiados no seu auxílio haviam de ganhar maior vitória do que eles com os seus sacrifícios imundos.

Travando-se a batalha e aparecendo grande multidão de inimigos, os nossos tomados de medo e terror começaram a perder o ânimo. Vendo isto a mulher do principal²³ desta aldeia, já batizada, a qual partira para a guerra juntamente com o marido, como é costume deles, exortou a todos com espírito viril a que, perdendo o medo, fizessem o sinal cruz na fronte. E deste modo só dois que o deixaram de fazer, foram feridos e um morreu. Os inimigos foram dispersos e postos em fuga pelos restantes; e, sendo alguns tomados pelos nossos catecúmenos, foram mortos e sepultados à maneira dos cristãos. Antes costumavam-nos comer com a maior alegria e grandes vozerias e cantos. E pouco depois de se afastarem, vieram os contrários e encontrando sepultados os que julgavam ser inimigos, desenterraram-nos e levaram-nos para comer.

Regressando da guerra, não encontrando um deles a mulher em casa e ouvindo dizer que ela o tinha deixado, aceso no maior furor veio à Igreja onde ela aprendia a doutrina e tratou-a indignamente, puxando-a para fora pelos cabelos diante de todos e dando-lhe grandes punhadas e bofetadas. Tendo notícia disto o principal, prendeu-o, pedindo-nos que mandássemos fazer algemas, pois dizia ter desejo de lançar na prisão todos os criminosos e sobretudo aquele que cometera tão grande crueldade no templo de Deus. Mas, sendo afinal solto por nossa intercessão, pe-

diu-nos perdão, tendo feito aquilo, não por própria determinação, mas levado por alguns maus conselheiros. A sujeição deste índio é muito para admirar, não vivendo eles obrigados a nenhuma lei, nem direito, e não obedecendo à autoridade de ninguém.

Aqueles feiticeiros, de que já falei, são tidos em grande estima. De fato, chupam os outros quando estes sofrem alguma dor, e afirmam que os livram da doença e que têm sob seu poder a vida e a morte. Nenhum destes aparece entre nós, porque lhes descobrimos os enganos e as mentiras. Um dos catecúmenos porém apresentou-se para ser curado a um, que passava por aqui com os demais a caminho da guerra. Tendo-o sabido um filho, que se encontra entre nós na escola, repreendeu-o duramente, dizendo que ele havia de ser um demônio e que não entrasse mais na Igreja, pois recusou acreditar em nós para se fiar num feiticeiro.

Uma menina de quatro ou cinco anos, caída em doença grave, pedia muitas vezes com lágrimas à mãe que a levasse à Igreja; e gemendo diante do altar, dizia na própria língua: "Ó Pai, sara-me". Interrogada pelo seu pai se queria que lhe trouxesse aquele feiticeiro para lhe dar remédio, rompendo em grande pranto lançou-se ao chão dizendo que queria voltar à antiga saúde não com o auxílio do feiticeiro mas com o de Deus; e o próprio Senhor o fez, pois tratada pelos nossos irmãos com maior mezinha, ela recuperou inesperadamente a saúde.

Esperamos com a graça e favor divino, que se hão-de recolher ubérrimos frutos por meio dos operários que o Senhor mandará para esta vinha tão fecunda; mas julgamos que já não é pouco fruto o maior benefício de Deus, que entre tanta multidão de infiéis, algumas poucas ovelhas se abstenham ao menos de comer seus próximos.

14. Com o Reverendo em Cristo P. Manoel da Nóbrega moramos presentemente aqui sete irmãos, separados do convívio dos portugueses e unicamente aplicados à conversão dos índios. Temos também em casa conosco alguns filhos dos gentios, que atraímos a nós de diversas partes. Estes apartam-se tanto dos costumes dos pais, que, passando aqui perto de nós o pai de um, e visitando o filho, este muito longe esteve de lhe mostrar qualquer amor filial e terno, de maneira que só por pouco tempo contra vontade e obrigado por nós, é que falou com o pai; e outro, estando

já há muito separado dos pais, indo de caminho uma vez com nossos irmãos pela aldeia que a mãe habitava, e dando-lhe estas licenças de ir visitar se quisesse, passou sem saudar a mãe; deste modo põem muito acima do amor dos pais o amor que nos têm. Louvor e glória a Deus, de quem deriva todo o bem.

15. Desde janeiro até o presente, estivemos às vezes mais de vinte³⁴ numa casa pobrezinha, feita de barro e paus e coberta de palha, de 14 passos de comprimento e 10 de largura, que é ao mesmo tempo escola,³⁵ enfermaria, dormitório, refeitório, cozinha e despensa; mas não temos saudades das casas amplas que os nossos habitam noutras partes. Com efeito, em mais estreito lugar foi posto Nosso Senhor Jesus Cristo, quando se dignou nascer num pobre presépio entre dois brutos animais e em estreitíssimo morrer por nós na cruz. Esta casa construíram-na os próprios índios para nosso uso,³⁶ mas agora preparamo-nos para fazer outra um pouco maior, de que nós seremos operários com o suor de nosso rosto³⁷ e o auxílio dos índios.

16. Encontramo-nos de fato em tal estreiteza, que muitas vezes é necessário dar ao ar livre a lição de gramática³⁸ aos irmãos e, apertando freqüentemente fora o frio e dentro o fumo, antes queremos sofrer fora o frio do que dentro o fumo.

17. Quanto aos meninos que andam na Escola,³⁹ quem não se comoverá vendo-os expostos ao vento e ao frio, aquecendo-se ao calor dum tição aceso, e aplicar-se à lição numa pobríssima e velhíssima,⁴⁰ e, no entanto, feliz cabana?

18. O principal alimento desta terra é farinha de pau, que se faz de certas raízes que se plantam, e chamam mandioca, as quais — quando comidas cruas, assadas ou cozidas — matam. É necessário deitá-las na água até apodrecerem; apodrecidas, desfazem-se em farinha, que se come, depois de torrada em vasos de barro bastante grandes. Isto substitui entre nós o trigo. Outra parte do mantimento fornecem-na carnes do mato, como são macacos, gamos, certos animais semelhantes a lagartos, pássaros⁴¹ e outros animais selvagens, e ainda peixes de rio, mas estas coisas raras vezes. A parte principal da alimentação consiste portanto em legumes como favas, abóboras e outros que se podem colher da terra, folhas de mostarda e outras ervas

cozidas; em vez de vinho bebemos água cozida com milho,⁴² ao qual se mistura mel, se o há. Assim sempre bebemos tisanas ou remédios; e se há isto, não nos parece ser pobres.

19. As coisas necessárias para a conservação de nossa vida adquirimo-las com o trabalho de nossas mãos, como o Apóstolo S. Paulo para não sermos pesados a nenhum destes.⁴³ Devemo-las principalmente às mãos de um irmão nosso, ferreiro,⁴⁴ ainda que nada peça, oferecem-lhe os índios, em paga das coisas que lhes faz, farinha e legumes e às vezes carne e peixe. A isto ajuntam-se também outras esmolas que eles, movidos pelo amor de Deus, nos dão, e assim muitas vezes o Senhor, a cujo cuidado nos entregamos, nos provê até donde menos esperávamos, a nós que nos encontramos faltos de todas as coisas.

20. Não podemos portanto deixar de admirar muito a grandíssima bondade de Deus conosco, que nos conserva perfeitamente a saúde do corpo, carecendo nós por completo de todos os mimos, sendo o alimento indispensável muito insípido e de pouca substância e não nos deixando a terra viver em delícias. Assim, um irmão nosso,⁴⁵ que viera doente de Portugal, e vivia numa aldeia,⁴⁶ distante desta nossa 90 milhas tinha por alimento diário uma galinha, que se lhe ia buscar a diversos lugares com não pouco trabalho ainda que por baixo preço; e o estômago não a podia conservar e logo vomitava. Quando porém veio para aqui⁴⁷ e começou a alimentar-se das nossas comidas pobríssimas, pôs-se robusto.

21. Na outra aldeia⁴⁸ de índios estão semeando a palavra de Deus o P. Francisco Pires e o P. Vicente Rodrigues com outros irmãos;⁴⁹ fazem contudo pouco fruto por causa da dureza deles.

22. Esta parte da região do Brasil que habitamos, está, segundo dizem, a 22 graus de latitude sul. Mas, desde Pernambuco, que é a primeira povoação de cristãos até aqui e mais além, toda esta costa marítima, na extensão de 900 milhas, é habitada por índios, que sem exceção comem carne humana; nisso sentem tanto prazer e doçura que freqüentemente percorrem mais de 300 milhas quando vão à guerra. E se cativarem quatro ou cinco dos inimigos, sem cuidarem de mais nada, regressam para com grandes vozearias e festas e copiosíssimos vinhos, que fabricam com raízes, os comerem, de maneira que não perdem nem sequer

a menor unha, e toda vida se gloriam daquela egrégia vitória. Até os cativos julgam que lhes sucede nisso coisa nobre e digna, deparando-se-lhes morte tão gloriosa, como eles julgam, pois dizem que é próprio de ânimo tímido e impróprio para a guerra morrer de maneira que tenham de suportar na sepultura o peso da terra, que julgam ser muito grande. Estes, entre os quais trabalhamos, estão espalhados pelo interior na extensão de 300 milhas, como julgamos, e todos comem carne humana, andam nus e habitam casas de madeira e barro, cobertas de palha ou cascas de árvores.

23. Não estão sujeitos a nenhum rei ou chefe e só têm alguma estima aqueles que fizeram algum feito digno de homem forte. Por isso freqüentemente, quando os julgamos ganhos, recalcitram, porque não há quem os obrigue pela força a obedecer; os filhos obedecem aos pais conforme lhes parece; e finalmente cada um é rei em sua casa e vive como quer: por isso nenhum fruto, ou ao menos pequeníssimo, se pode colher deles, se não se juntar a força do braço secular, que os dome e sujeite ao jugo da obediência. Vivendo sem leis nem autoridade, segue-se que não se podem conservar em paz e concórdia, de maneira que cada aldeia consta de só seis ou sete casas, nas quais, se não fosse o laço e união do sangue, não podiam permanecer juntos, mais comer-se-iam uns aos outros, como vemos que acontece em muitos outros lugares, onde eles não dominam essa paixão insaciável, nem sequer para se absterem de devorar abominavelmente os consangüíneos.

24. Juntam-se a isto os matrimônios contraídos com os mesmos consangüíneos até primos direitos, de maneira que, se queremos receber algum para o batismo, por causa do laço de sangue é difficilimo encontrar-lhe mulher com a qual possa casar. O que é para nós não pequeno impedimento, pois não podemos admitir ninguém à recepção do batismo conservando a concubina; por isso parece-nos sumamente necessário que se mitigue nestas partes todo o direito positivo,⁸⁰ de maneira que possam contrair-se matrimônios em todo os graus, exceto de irmãos com irmãs. O mesmo é necessário também fazer-se noutras leis da Santa Madre Igreja, pois, se os quiséssemos obrigar a elas no presente, não há dúvida que não quereriam dispor-se a seguir a fé cristã. São tão bárbaros e indômitos que parecem estar mais perto da natureza das feras do que da dos ho-

mens. O que não é tanto de admirar como a tremenda malícia dos próprios cristãos, nos quais encontram, não só exemplo de vida, mas também favor e auxílio para praticarem más ações.

25. De fato, alguns cristãos nascidos de pai português e mãe brasílica, que estão apartados de nós 9 milhas numa povoação de portugueses,⁸¹ não cessam nunca de esforçar-se, juntamente com o seu pai,⁸² por lançar à terra a obra que procuramos edificar com a ajuda de Deus, pois exortam repetida e criminosamente os catecúmenos a apartarem-se de nós e a crerem neles, que usam arco e flechas como os índios, e a não se fiarem de nós que fomos mandados para aqui por causa da nossa maldade. Com estas e semelhantes coisas conseguem que uns não creiam na pregação da palavra de Deus e que outros, que parecia já termos encerrado no redil de Cristo, voltem aos antigos costumes e se apartem de nós, para poderem viver mais livremente. Os nossos irmãos tinham gasto quase um ano inteiro em doutrinar uns, que distam de nós 90 milhas,⁸³ e eles, renunciando aos costumes gentílicos, tinham resolvido seguir os nossos e tinham-nos prometido nem matar nunca os inimigos nem comer carne humana. Agora, porém, convencidos por estes cristãos e levados pelo exemplo duma nefanda e abominável depravação, preparam-se, não só para os matar, mas também para os comer.

Da guerra, a que me referi acima, tendo um destes cristãos trazido um cativo, entregou-o a um irmão dele para o matar. E matou-o de fato com a maior crueldade, tingindo as próprias pernas de vermelho e tomando o nome de quem matara em sinal de honra, como é costume dos gentios; e se não comeu, deu-o ao menos a comer aos índios, exortando-os a que não deixassem perder quem ele matara, mas assassem e levassem para comer. Outro irmão do mesmo, advertindo-se de que tivesse cuidado com a Santa Inquisição por seguir alguns costumes gentílicos, respondeu que vararia com flechas duas inquisições. E são cristãos, nascidos de pai cristão, que sendo espinho não pode produzir uvas.⁸⁴

Este passou quase 50 anos nesta região, junto com uma concubina brasílica,⁸⁵ e gerou muitos filhos: a salvá-los dedicaram os irmãos da nossa Companhia todos os cuidados e canseiras, pedindo-lhes com toda a mansidão e incitando-os em espírito de brandura a apartarem-se da má vida.

Tanto que o P. Manoel de Paiva se valeu muito do laço de sangue bem chegado, que reconheceu existir entre si e o pai deles, e julgou que se poderia conseguir deste modo alguma coisa em favor do mesmo homem. Notando, porém, que nenhum fruto se obtinha dele, mas que pelo contrário continuavam os maiores escândalos — por causa da maneira de viver torpe e dissoluta tanto do pai como dos filhos, que estão unidos com duas e duas filhas do mesmo pai⁶⁶ — começaram os irmãos a exercer sobre eles algum rigor e violência, sobretudo separando-os da comunhão da Igreja. Mas eles, que deveriam ter mudado com esta medida, estão a tal ponto depravados, que nos têm o maior ódio e procuram prejudicar-nos por todos os modos, ameaçando-nos até de morte, mas principalmente esforçando-se por inutilizar a doutrina em que instruímos e educamos os índios, e por concitar o ódio deles contra nós. E assim, se não se extinguir completamente esta peste⁶⁷ tão perniciosa, não só não poderá progredir a conversão dos infelizes mas terá de debilitar-se e diminuir cada vez mais. Mas, dito isto de passo volto ao meu propósito.

26. Além destes índios, há outro gentio espalhado ao longe e ao largo, a que chamam carijós,⁶⁸ nada distinto destes quanto à alimentação, modo de viver e língua, mas muito mais manso e mais propenso às coisas de Deus, como ficamos sabendo claramente da experiência feita com alguns que morreram aqui entre nós, bastante firmes e constantes na fé. Estes estão sob o domínio dos castelhanos, a quem de boa vontade constroem as casas e de boa mente ajudam a obter as coisas necessárias à vida.

27. A estes seguem-se inumeráveis outras gentes a ocidente, pelo interior até à Província do Peru, quase todas as quais percorreu um irmão nosso.⁶⁹ São mansas, chegam-se mais perto da razão, estão todas sujeitas a um só chefe, vive cada um com a mulher e os filhos separadamente em sua casa, e de maneira nenhuma comem carne humana. Se a palavra de Deus lhes for anunciada, não há dúvida que se há-de aproveitar mais com eles num mês do que com estes num ano.

E outra infinita multidão de nações está vizinha destes, chamados pelo próprio nome escravos ["Servi"],⁷⁰ por meio dos quais se vai até ao Amazonas, e julgamos que vivem etíopes na outra banda do mar.

28. Foi agora⁷¹ enviado o Irmão Pero Correia, com dois outros irmãos,⁷² a umas aldeias de índios, que estão ao longo do mar,⁷³ para lhes pregar a palavra de Deus e sobretudo, se puder ser, para abrir caminho até certos povos que chamam ibiraiaras,⁷⁴ os quais julgamos que se avantajam a todos estes no uso da razão, na inteligência e mansidão dos costumes. Todos estes obedecem a um só senhor, têm horror a comer carne humana, contentam-se com uma só mulher, guardam diligentemente as filhas virgens — coisa de que os outros não cuidam — não as entregam a ninguém senão ao próprio marido, e se a esposa comete adultério o marido mata-a. Mas se esta, fugindo às mãos do marido, se refugia na casa do chefe, é recebida por ele com bondade e é conservada lá até se apaciar completamente a ira do marido. Se alguém se apodera duma coisa alheia, é levado diante do chefe e ele manda-o açoitar por um algoz. Não crêem em nenhuma idolatria ou feiticeiro, e avantajam-se a muitíssimos outros nos bons costumes, de maneira que parecem muito próximos da lei da natureza. Só parece neles digno de repreensão matarem às vezes na guerra os cativos e guardarem as cabeças deles como troféus.

29. Esperamos agora a chegada do P. Luis da Grã, para se deliberar com o seu conselho o que se há-de afinal fazer e se se hão de mandar alguns dos irmãos para aquelas nações, no caso de os haver. Temos grande falta deles, por isso muita obrigação tem V.R. Paternidade de mandar operários para tão fecunda messe. Esperamos confiadamente que o faça, porque Deus, pelo cuidado que tem desta região, a entregou à particular administração de V.R. Paternidade.

30. A isto acrescenta-se também que, tendo-se dirigido todas as orações e gemidos dos nossos Irmãos, desde que estão cá, a pedirem continua e fervorosamente a Deus se dignasse mostrar claramente o caminho, pelo qual estes gentios se haviam de levar à fé, agora acabou Ele por mostrar grandíssima abundância de ouro, prata, ferro e outros metais antes bastante desconhecida, como todos dizem, e esta abundância julgamos que será ótimo e facilíssimo meio, como já nos ensinou a experiência. Pois, vindo para aqui muitos cristãos, sujeitarão os gentios ao jugo de Cristo, e assim estes serão obrigados a fazer, por força, aquilo a que não é possível levá-los por amor.

Resta que pegamos humildemente sermos encomendados, nós e estas almas, nas orações de V.R. Paternidade e de todos os nossos Irmãos.

Piratininga, Casa de São Paulo, 1554.

O último da Companhia de Jesus,

José

NOTAS:

1. Refere-se à Quadrimestre até junho de 1554, que não foi conservada, e de que fala mais abaixo no fim do § 7.
2. Carta do P. Polanco, por comissão de Santo Inácio, ao P. Manoel da Nóbrega, de 13 de agosto de 1553, sobre o modo de escreverem as cartas de edificação e notícias e que Nóbrega recebeu pouco antes e transmitiu ao Ir. Anchieta para este se conformar com suas normas (*Mon. Bras.*, I, 519-520).
3. O P. Leonardo Nunes partiu pelos meados de junho de 1554, segundo a carta, (MB, II, 65-72), do Ir. Pêro Correia de 18 de julho de 1554, § 13. Estes "poucos dias" ("paucis ante diebus") representam mais de 60; mas pode entender-se que começasse a redigir esta carta por fins de junho.
4. O P. Antônio Pires chegou no 1.º domingo do advento de 1553 (3 de dezembro): "Llegó aqui este primeiro domingo del Adviento que pasó hizo un año" (MB, II, 141-146), carta de Luís da Grã ao P. Mirón, 27 de dezembro de 1554, § 6).
5. O Ir. Domingos Anes Pecorella faleceu a 24 de dezembro de 1553 (LEITE, *Artes e Ofícios*, 121).
6. Cf. MB, II, 50-54, carta de Ambrósio Pires, de Porto Seguro, 5 de maio de 1554, §§ 5-7; LEITE, *História*, I, 209-211.
7. Blázquez.
8. "Cá" (hic), isto é, no Brasil (Bahia) em 1549.
9. Cf. LEITE, *História*, I, 217; II, 324.
10. Sobre estas primeiras aldeias do Espírito Santo, cf. LEITE, *História*, I, 233-239, e MB, II, 372-377, carta de Francisco Pires (carta 57).
11. No Espírito Santo só nomeia um padre e um irmão: esta palavra adoentados, no plural, dá sentido mais amplo e deve englobar os meninos.
12. Seis Vilas: São Vicente, Santos, Bertioga, Conceição (Itanhaém) e Santo André da Borda do Campo. A sexta deve ser Piratininga, a que em geral chama aldeia, mas à qual, logo a seguir (§ 7) se aplicam ambas as qualificações "indorum habitationem" (aldeia), e "oppidum" (vila).

13. Leonardo Nunes.

14. Reino de Portugal. No mínimo, significaria que era "dos principais desta terra".

15. Fabiano de Lucena.

16. Antônio (Gonçalves do Vale). Cf. LEITE, *Diálogo*, 110-111; e MB, II, 346-356, carta 52, § 2. Mais tarde, Leonardo do Vale.

17. Gonçalo de Oliveira.

18. Antônio de Atouguia. Sobre todos e cada um destes nomes, e ainda o Ir. Cipriano, cf. LEITE, "Nóbrega e a sua herança em São Paulo de Piratininga", in *Brotéria* 58 (1954) 9-11. Por não constar de nenhum documento, não incluímos na lista dos jesuítas presentes em São Paulo em 1554 um Pedro Dias, de que começaram a falar mais tarde os genealogistas, dando-o como irmão leigo da Companhia. "Que o Padre Serafim Leite não tenha podido colher este nome na documentação jesuítica da época, não será de estranhar, sabida a má vontade que os inacianos votavam aos neófitos, que não perseveraram nas primeiras intenções" (J. CORTESÃO, *A Fundação de São Paulo*, 200). Esta explicação anti-inaciana — e à qual, como ainda a outras deste escritor, se desejaria base científica mais sólida — tem logo contra si aquela própria lista: Fabiano de Lucena e Antônio de Atouguia não perseveraram nas primeiras intenções, saindo da Companhia de Jesus; e, no entanto, os seus nomes, como se vê, colhem-se da documentação jesuítica da época.

19. Trata-se de quando ainda residiam na Casa de São Vicente, entre os portugueses.

22. 25 de janeiro de 1554. Sobre o texto seguinte, erroneamente traduzido, pretendeu Serafim Leite, em seu *Breve Itinerário*, 105-106, inferir que Nóbrega tenha subido ao planalto, aí celebrando missa nesse dia e dando pessoalmente à nova casa o nome de São Paulo: "Itaque... visum est Nobregae Collegii corpus eo transferre. Piratiningam cum ventum esset extremo ferme januario, placuit ei domui, re divina primum facta, Beati Pauli nomen, cujus conversionis commemoratio in illum ipsum diem recurreret, imponi" (N. Orlandini, *Historiae Societatis Jesu prima pars* (Roma (1615), L., XIV, n. 118). Da tradução correta deste texto, inferiu Simão de Vasconcelos e inferimos nós que Nóbrega não esteve nesse dia em Piratininga, aí não celebrou a missa, oficiada por Manuel de Paiva, nem deu pessoalmente o nome de São Paulo a essa casa. Em artigo "Para uma biografia de Nóbrega", na análise exaustiva que, a propósito, fizemos (*Revista de História*, São Paulo, VII, 28, outubro-dezembro de 1956, ps. 326-332), concluímos exatamente como, de textos coevos, concluiu João de Polanco, o secretário de Santo Inácio: "Visum est Nobregae... expedire ut... aliqui ex nostris simul cum pueris migrarent... / Missi ergo fuerunt octavo Kalendas Februarii aliqui ex nostris, inter quos Josephus fuit. Piratiningam cum pueris hoc anno pervenerunt, et in paupere et angusta domuncula die conversionis B. Pauli primam missam celebrarunt, et ideo ei domum nostram dedicarunt, quae Sti. Pauli dicta fuit" (*Chronicon*, IV, ps. 612-613, §§ 1298-1299). (Viotti).

23. Esta conta...

24. Olto, diz...

25. Todo este § 3 se resumiu nas edições de 1555 e 1556, suprimindo-se o nome do mestre Antônio Rodrigues (cf. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo*, 69-70). A Escola de meninos índios era de ler, escrever e cantar, explica Pêro Correia, MB, II, 65-72, a 18 de julho de 1554 (carta 17, § 9). Correia não dá o nome do Mestre. Mas observa nesta carta que Pêro Correia só cita, com o nome próprio, as pessoas, que o destinatário da carta conhecia pessoalmente: Padres Nóbrega e Leonardo Nunes e Irmãos Gregório Serrão e José de Anchieta, mestres de gramática ou dos estudantes (que é latim). E para essa mesma finalidade — de aprenderem a ler e escrever — que já tinham em São Vicente (§ 6), mudou Nóbrega para Piratininga os filhos dos índios.

26. Cf. LEITE, "Particularidades referentes a Nóbrega na fundação de São Paulo", in *Brotéria* 57 (1953) 431.

27. Cf. *Pet.*, 2,22.

28. Santo André da Borda do Campo.

29. Trata-se de batismo *in extremis*. Antes do batismo ainda não era cristão e por isso não podia se confessar; e logo depois do batismo de um moribundo não é necessário o sacramento da confissão. A frase, para se justificar, supõe que o moribundo sobreviveu algum tempo a seguir ao batismo. O texto do Rio conserva a frase, mas o copista do texto 2 deve ter visto a dificuldade e suprimiu-a.

30. Alusão à Vila de Piratininga, fundada por Martim Afonso de Souza em 1532 (cf. MB, II, 15-17, carta 3, § 3). O índio podia ser batizado na própria vila ou fora dela. Como a Vila se desfez logo, a segunda alternativa parece mais provável. Não consta que até então existisse pároco ou vigário próprio no Campo de Piratininga. É o que se lê em *Cartas de Anchieta*, 72: "Capelão desta povoação" é erro de leitura por "capitão desta povoação" (Cópia de umas cartas 1555); e é o mesmo capitão ou principal, de que trata abaixo o § 13.

31. Nóbrega.

32. Pajé, palavra tupi, que entrou no vocabulário português do Brasil e é ainda hoje muito usada no Norte com o sentido de curandeiro; e no Sul, a certas manifestações de baixo espiritismo chamam "pajelança". Cf. OSVALDO ORICO, *Vocabulário de Crendices Amazônicas*, São Paulo, 1937, 186-188; BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA, *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, São Paulo, 1939, 203. Destes feiticeiros ou pajés indicou Nóbrega as principais funções na "Informação das Terras do Brasil", § 3 (cf. *Mon. Bras.*, 1, 17-18); e também Leonardo do Vale, *Vocabulário na Língua Brasileira*, verbo "Feiticeiro".

33. O Principal Martim Afonso Tibiriçá.

34. Estes "mais de vinte" eram, pelo exposto no § 14, não apenas da Companhia, mas também alguns filhos dos gentios, sobre os quais ainda então se alimentava alguma esperança de vocação religiosa e viviam em casa.

35. Escola de Gramática, na própria casa feita de novo para uso dos padres, como se diz no fim deste § 15.

36. Casa feita de novo para os padres pelos índios: ajudou a fazê-la Tibiriçá por ordem de Nóbrega: Tibiriçá "tendo ajudado a fazê-la (a casa de Piratininga) por suas próprias mãos" (carta do Ir. José de Anchieta de São Vicente, 16 de abril de 1563 ao P. Geral Diego Laynez, *Cartas de Anchieta*, 187); por ordem de Nóbrega: "No ano de 1554 mudou o P. Manoel da Nóbrega os filhos dos índios ao Campo, a uma povoação nova, que os índios faziam por ordem do mesmo Padre" ("Informação do Brasil e suas Capitanias" — 1584 — do P. José de Anchieta, *ib.* 316). Cf. Leite Cordeiro, "A fundação de São Paulo", in *São Paulo em quatro séculos*, 1-43.

38. Esta lição de gramática aos irmãos era dada pelo próprio autor da carta, di-lo Pêro Correia, MB, II, 65-72, p. 71 e o dirá o mesmo Anchieta, na carta de 20 de março de 1555, § 7. "Aos Irmãos Enfermos".

39. Escola de meninos, do Ir. Antônio Rodrigues (supra § 8).

40. "Velhíssima", portanto outra, diferente da casa "nova", de que trata o § 15. Cf. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo*, 48-50.

41. Da enumeração destes animais faz alguma dúvida aquilo de "gamos" ou corsas (damas, no texto latino) e, sobretudo, estes "pás-saros", que em latim é *passeres*, como traz o texto; "pardais" só foram levados de Portugal para o Brasil já neste século XX (C. DE MELLO LEITÃO, *Zoo-geografia do Brasil*, — São Paulo, 1937, 357). Como notamos a propósito da língua em que teria sido esta carta bem poderia Anchieta, designar por *passeres* aos "pardais da terra", aos vulgaríssimos "tico-ticos". (Viotti).

42. Milho, para os autores latinos era milho miúdo (europeu e asiático); mas aqui trata-se de milho da terra (cf. "Informação das Terras do Brasil", § 1, *Mon. Bras.*, 1, 148).

43. Cf. 1 *Tess.*, 2, 7.

44. Mateus Nogueira.

45. Gregório Serrão (MB, II, 65-72, carta de Pêro Correia de 18 de julho de 1554, § 12).

46. Maniçoba, (cf. *ib.*, e carta n. VI de Anchieta, no fim de março de 1555, § 33).

47. Para Piratininga, onde escreve.

48. Maniçoba (carta n. 6 de Anchieta, do fim de março de 1555, §§ 6 e 33).

49. Não identificados.

50. Cf. carta de Nóbrega do último de agosto de 1553, § 6, (*Mon. Bras.*, 1, 515).

51. Santo André da Borda do Campo.

52. João Ramalho.

CARTAS JESUITICAS

I

Manoel Danobrega

Cartas do Brasil

(1549 - 1560)



1988

Direitos de Propriedade Literária adquiridos pela
EDITORA ITATIAIA LIMITADA
Belo Horizonte

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

1931

OFFICINA INDUSTRIAL GRAPHICA
RUA DA MISERICORDIA, 74
RIO DE JANEIRO

*A. Original
A. T. I.*

11 cópias

AO PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO

(1549)

Chegada á Bahia. — Estado da terra. — Occupações dos Padres e Irmãos. — Padre Navarro, irmão Vicente Rodrigues. — Camurú. — Um Indio christão. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome. — Os sacerdotes da terra. — O Governador.

A GRAÇA e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor e ajuda. Amen.

Sómente darei conta a Vossa Reverendissima de nossa chegada a esta terra, e do que nella fizemos e esperamos fazer em o Senhor Nosso, deixando os fervores de nossa prospera viagem aos Irmãos que mais em particular a notaram.

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas (1). Achamos a terra de paz e quarenta ou cincoenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos uma maneira de egreja, junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par della, que não foi pouca consolação para nós para dizermos missas e confessarmos. E nisso nos occupamos agora.

Confessa-se toda a gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de os confessar na nau.

(1) Nobrega veio com o 1º Governador do Brasil Thomé de Sousa, que partiu de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1549. Seus companheiros foram os padres Leonardo Nunes, João de Aspicuelta Navarro e Antonio Pires e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

(1) primeiro domingo que dissemos missa foi a quarta dominga da quaresma (2). Disse eu missa cedo e todos os Padres e Irmãos confirmamos os votos que tínhamos feito e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é lícito conhecer. Eu prégo ao Governador e á sua gente na nova cidade (3) que se começa, e o padre Navarro á gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazer-se fructo, posto que a gente da terra vive em peccado mortal, e não ha nenhum que deixe de ter muitas negras das quaes estão cheios de filhos e é grande mal. Nenhum delles se vem confessar; ainda queira Nosso Senhor que o façam depois. O Irmão Vicente Rijo (4) ensina a doutrina aos meninos cada dia e tambem tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os Indios desta terra, os quaes têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos.

Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem habéis para o baptismo. Todos estes que tratam connosco, dizem que querem ser como nós, sinão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Si ouvem tanger á missa, já acodem e quanto nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de giolhos, batem nos peitos, levantam as mãos ao Ceu e já um dos Principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dous dias soube o A, B, C todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras cousas; sómente que ha de ir á guerra, e os que captivar, vendel-os e servir-se delles, porque estes desta terra sempre

(2) 31 de Março.

(3) A primitiva cidade, fundada por Francisco Pereira Coutinho, 1º donatário da Bahia, ficava no sítio da Victoria, segundo Jaboatão (*Novo Orbe*, part. 2ª, vol. I, pg. 18), e chamou-se depois Villa Velha. A nova cidade era comprehendida entre o logar que depois tomou o nome de Terreiro de Jesus o o largo do Theatro, actual praça Castro Alves. Esta estabeleceu-se no dia 1º de Novembro, tomando posse o Governador, ao que accusa Jaboatão (l. c., pg. 21).

(4) Aliás Rodrigues. Viveu no Brasil 49 annos, fallecendo no Rio de Janeiro a 9 de Junho de 1598. Seu irmão o padre Jorge Rijo foi quem educou Joseph de Anchieta no Collegio de Coimbra. V. Franco, *Imag. da virt. do Coll. de Coimbra*, I, pg. 551.

têm guerra com outros e assim andam todos em discordia, comem-se uns a outros, digo os contrarios. E' gente que nenhum conhecimento tem de Deus. Têm idolos (5), fazem tudo quanto lhes dizem.

Trabalhamos de saber a lingua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos (6). Temos determinado ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua e il-os doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua lingua as orações e algumas praticas de Nosso Senhor e não posso achar lingua que m'o saiba dizer, porque são elles tão brutos que nem vocabulos têm. Espero de as tirar o melhor que puder com um homem (7) que nesta terra se criou de moço, o qual agora anda mui occupado em o que o Governador lhe manda e não está aqui. Este homem com um seu genro (8) é o que mais confirma as pazes com esta gente, por serem elles seus amigos antigos.

Tambem achamos um Principal delles já christão baptizado, o qual me disseram que muitas vezes o pedira, e por isso está mal com todos os seus parentes. Um dia, achando-me eu perto d'elle, deu uma bofetada grande a um dos seus por lhe dizer mal de nós ou cousa semelhante. Anda muito fervente e grande nosso amigo; demos-lhe um barrete vermelho que nós ficou do mar e umas calças. Traz-nos peixe e outras cousas da terra com grande amor; não tem ainda noticia de nossa Fé, ensinamo-lh'a; madruga muito cedo a

(5) E' o que se lê no cód. msc. da Bibl. Nac.; mas os Indios da costa não tinham idolos, como se vê da 9ª carta e de muitos outros documentos contemporaneos. Houve, pois, erro de cópia.

(6) "Foi o primeiro que poz na lingua brasileira algumas orações e dialogos da nossa santa Fé." S. de Vasc., *Chron.*, l. I, nº 48.

(7) Diogo Alvares, o Caramurú.

(8) Provavelmente Paulo Dias Adorno. V. a carta publ. por Porto Seguro, *Hist. Ger. do Brasil*, pg. 236 e a nota 2 da pag. 239. [Tomo I, pg. 297/298, 4ª ed.]. A noticia do achado do doc. foi publ. no *Diario Official* de 13 de Dezembro de 1872 e não Novembro, como diz a nota 1 da pag. 237 da *Hist. Geral*. Jaboatão já o conhecia e o transcreve no seu *Catalogo genealogico*, 1768, [Publ. na *Revista do Instituto*, LII, parte 1ª], declarando á margem: "Acha-se no Liv. 4 de Serviços da Camera da Bª. fol. 24, e ali as certidões dos Tabeliães, que as reconhecerão." Candido Mendes (*Rev. do Inst.*, XL, 1877, p. 2ª, pg. 20) duvida da sua authenticidade.

Segundo Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, liv. 3º, cap. 10), Paulo Dias era commendador de Santiago e esteve na conquista do Rio de Janeiro com Estacio de Sá. [Ed. de 1918, pg. 178]. — G.

tomar lição e depois vai aos moços a ajudal-os ás obras. Este diz que fará christãos a seus irmãos e mulheres e quantos puder. Espero em o Senhor que este ha de ser um grande meio e exemplo para todos os outros, os quaes lhe vão já tendo grande inveja por verem os mimos e favores que lhe fazemos. Um dia comeu connosco á mesa perante dez ou doze ou mais dos seus, os quaes se espantaram do favor que lhe davamos.

Parêce-nos que não podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser christãos, repartindo-lh'a até ficarmos todos eguaes com elles, ao menos por não scandalisar aos meus Irmãos de Coimbra, si souberem que por falta de algumas ceroulas deixa uma alma de ser christã e conhecer a seu Creador e Senhor e dar-lhe gloria; *ego, Pater mi, in tanto positus igne charitatis non cremor*. Certo o Senhor quer ser conhecido destas gentes e communicar com elles os thesouros dos merecimentos da sua Paissão, *sicut aliquem te audivi prophetantem*. E por tanto, *mi Pater, compelle multas intrare naves et venire ad hanc quam plantat Dominus vineam suam*. Cá não são necessarias lettras mais que para entre os Christãos nossos, porém virtude e zelo da honra de Nosso Senhor é cá mui necessario.

O padre Leonardo Nunes mando aos Ilheos e Porto Seguro, a confessar aquella gente que tem nome de Christãos, porque me disseram de lá muitas misérias, e assim a saber o fructo que na terra se pôde fazer. Elle escreverá a Vossa Reverendissima de lá largo. Leva por companheiro a Diogo Jacome, para ensinar a doutrina aos meninos, o que elle sabe bem fazer; eu o fiz já ensaiar na nau, é um bom filho. Nós todos tres confessaremos esta gente; e depois espero que irá um de nós a uma povoação grande, das maiores e melhores desta terra, que se chama Pernambuco (9) e assim em muitas partes apresentaremos e convidaremos com o Crucificado. Esta me parece agora a maior empresa de todas, segundo vejo a

(9) E' palavra tupi já então alterada. Veja-se a sua orthogr. e etymologia nos *Ana. da Bibl. Nac.*, vol. VIII, pg. 215. Ahi escaparam dous erros typographicos que ora se corrigem: na interpretação do Dr. Baptista Cactano em vez de *paranãmburú* e *purú-mburú* leia-se *paranãmbukú* e *purú mbukú*.

gente docil. Sómente temo o mau exemplo que o nosso Christianismo lhe dá, porque ha homens que ha sete e dez annos que se não confessam e parece-me que põem a felicidade em ter muitas mulheres. Dos sacerdotes ouço cousas feias. Parece-me que devia Vossa Reverendissima de lembrar a Sua Alteza um Vigario (geral, porque sei que mais moverá o temor da Justiça que o amor do Senhor. E não ha oleos para ungir, nem para baptisar; faça-os Vossa Reverendissima vir no primeiro navio, e parece-me que os havia de trazer um Padre dos nossos (*).

Tambem me parece que mestre João (10) aproveitaria cá muito, porque a sua lingua é semelhante a esta e mais aproveitar-nos-hemos cá da sua theologia.

A terra cá achamol-a boa e sã. Todos estamos de saude, Deus seja louvado, mais sãos do que partimos.

As mais novas da terra e da nossa cidade os Irmãos escreverão largo e eu tambem pelas naus quando partirem. Crie Vossa Reverendissima muitos filhos para cá, que todos são necesarios. Eu um bem acho nesta terra que não ajudará pouco a permanecerem depois na Fé, que é ser terra grossa, e todos têm bem o que hão mister, e a necessidade lhes não fará prejuizo algum. Estão espantados de ver a magestade com que entramos e estamos, e temem-nos muito, o que tambem ajuda. Muito ha que dizer desta terra; mas deixo-o ao commento dos charissimos Irmãos. O Governador é es-

(*) A carencia de oleo foi depois supprida pelo da arvore *cabureiba*, que o Summo Pontifice declarou por "materia legitima da santa unção e christma, e como tal se mistura e sagra com os santos oleos onde falta o da Persia", Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, 30, ed. de 1918. — G.

(10) Refere-se provavelmente ao padre Misser João, aragonez. D'elle diz Franco: "Foi capellão das Infantas de Castella D. Maria, Imperatriz, e D. Joanna, mãe d'El-Rei D. Sebastião; foi recebido pelo padre Pedro Fabro em Lovayna e d'ali mandado ter seu noviciado em Coimbra no anno de 1544. Sempre deu mostras de muita virtude, em especial sendo companheiro do padre mestre Simão, quando sendo mestre do Principe D. João o acompanhava á côrte, na qual a todos era exemplo de rara santidade. Era amparo de pobres, viúvas e necessitados, zeloso do bem das almas, incansavel em confessar; tinha particular graça para trazer a gente ás confissões. Morreu em Lisboa na Casa de Santo Antão o Velho aos 2 de Março de 1553." (*Imag. da virt. do Coll. de Coimbra*, II, pg. 572).

colhido de Deus para isto, faz tudo com muito tento e siso. Nosso Senhor o conservará para reger este seu povo de Israel. *Tu autem, Pater, ora pro omnibus et presertim pro filiis quos enutristi*. Lance-nos a todos a benção de Christo Jesu Dulcissimo.

Desta Bahia, 1549.

Esta carta não traz mez nem dia; mas foi escripta depois de 31 de Março e antes de 15 de Abril, como se deduz da 2ª carta escripta em continuação. No códice msc. da Bibl. Nac. lê-se á margem *No mez de Abril*. Barbosa Machado (*Bibl. Lus.*, III, pg. 324) também diz que é de Abril, e que o autographo se conservava no archivo do Collegio de S. Roque de Lisboa.

Publicou-se pela primeira vez em 1843 no tomo V da *Rev. do Inst. Hist.*, pp. 429/432 [3ª ed., 457/460]; foi reproduzida no 2º vol. da *Chron. da Comp. de Jesu* de Simão de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 289/292.

II

PARA O PADRE MESTRE SIMÃO

(1549)

Os sacerdotes da terra. — Conversão de um contrario. — S. Thomé e suas pegadas. — Espanto dos Indios. — O Governador. — Necessidade de Vigario Geral.

A GRAÇA e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor. Amen.

Depois de ter escripto á Vossa Reverendissima, posto que brevemente, segundo meus desejos, succedeu não se partir a caravella, e deu-me logar para fazer esta e tornar-lhe a encommendar as necessidades da terra e o apparelho que tem para se muitos converterem. E certo é muito necessario haver homens *qui quærant Jesum Christum solum crucifixum*. Cá ha clérigos, mas é a escoria que de lá vem; *omnes quærun quæ sua sunt*. Não se devia consentir embarcar sacerdote sem ser sua vida muito approvada, porque estes destroem quanto se edifica; *sed mitte, Pater, filios tuos in Domino nutritos fratres meos, ut in omnem hanc terram exeat sonus eorum*.

Hontem que foi domingo de Ramos (11), apresentei ao Governador um para se baptisar depois de doutrinado, o qual era o maior contrario que os Christãos até agora tiveram: recebeu com amor. Espero em Nosso Senhor de se fazer muito fructo.

(11) 14 de Abril.

Tambem me contou pessoa fidedigna que as raizes de que cá se faz o pão, que S. Thomé as deu, porque cá não tinham pão nenhum. E isto se sabe da fama que anda entre elles, *quia patres eorum nuntiaverunt eis*. Estão d'aqui perto umas pisadas figuradas em uma rocha, que todos dizem serem suas. Como tivermos mais vagar, havemol-as de ir ver.

Estão estes Negros (12) mui espantados de nossos officios divinos. Estão na egreja, sem ninguem lhes ensinar, mais devotos que os nossos Christãos. Finalmente perdem-se á mingua. *Mitte igitur operarios quia jam satis alba est messis*.

O Governador nos tem escolhido um bom valle para nós; parece-me que teremos agua, e assim m'o dizem todos. Aqui deviamos de fazer nosso valhaçouto, e d'aqui combater todas as outras partes. Ha cá muita necessidade de Vigario Geral para que elle com temor e nós com amor procedendo, se busque a gloria do Senhor. O mais verá pelas cartas dos Irmãos.

Vale semper in Domino, mi Pater, et benedic nos omnes in Christo Jesu.

Da Bahia, 1549.

Continuação da antecedente, não traz expresso o dia em que foi escripta, mas do contexto vê-se que é de segunda-feira, 15 de Abril. Segundo Barbosa Machado, o original conservava-se tambem no archivo do Collegio de S. Roque.

Imprimiu-se pela primeira vez em 1843 no tomo V da *Rev. do Inst. Hist.*, pg. 433 [3ª ed., 461/462]; transcripta no 2º vol. da *Chron.* de S. de Vasconcellos, ed. citada, pp. 300/301.

(12) Assim eram ás vezes chamados os que mais tarde ficaram conhecidos, não menos propriamente, pelo nome de Indios.

III

AO PADRE MESTRE SIMÃO

(1549)

Falta de mulheres. — Saltos dos Indios. — Causa da guerra da Bahia. — Carijós. — Padres em S. Vicente. — Necessidade de Bispo. — Logar escolhido para o Collegio. — Pedido de officiaes. — Os degradados. — Falta de roupa. — Antonio Pires. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Navarro, Vicente Rodrigues. — Missa cantada. — Procissão de Corpus Christi. — Agradecimentos ao Governador e outros. — Pedidos.

A GRAÇA e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor. Amen.

Pela primeira via escrevi a Vossa Reverendissima e aos Irmãos largo, e agora tornarei a repetir algumas cousas, ao menos em somma, porque o portador desta, como testemunha de vista, me escusará de me alargar muito, e algumas cousas mais se poderão ver pela carta que escrevo ao Doutor Navarro.

Nesta terra ha um grande peccado, que é terem os homens quasi todos suas Negras por mancebas, e outras livres que pedem aos Negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres. E estas deixam-n'as quando lhes apraz, o que é grande escandalo para a nova Egreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusam que não têm mulheres com que casem, e conheço eu que casariam si achassem com quem; em tanto que uma mulher, ama de um homem casado que veio nesta armada, pelejavam sobre

ella a quem a haveria por mulher, e uma escrava do Governador lhe pediam por mulher e diziam que lh'a queriam forrar. Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remedio de casamento a estas partes, ainda que fôsem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão mui bem, porque é terra muito grossa e larga, e uma planta que se faz dura dez annos aquella novidade, porque, assim como vão apanhando as raizes, plantam logo ramos, e logo arrebentam. De maneira que logo as mulheres terão remedio de vida, e estes homens remediariam suas almas, e facilmente se povoaria a terra.

E estes amancebados tenho mostrado, por vezes, assim em pré-gações em geral, como em particular, e uns se casam com algumas mulheres si se acham, outros com as mesmas Negras, e outros pedem tempo para venderem as Negras, ou se casarem. De maneira que todos, gloria ao Senhor, se põem em algum bom meio: sómente um que veio nesta armada, o qual como chegou logo tomou uma India gentia pedindo-a a seu pae, fazendo-a christã, porque este é o costume dos Portuguezes desta terra, e cuidam nisto *obsequium se prestare Deo*, porque dizem não ser peccado tão grande, não olhando a grande irreverencia que se faz ao sacramento do Baptismo, e este amancebado, não dando por muitas admoestações que lhe tinha feito, se poz a permanecer com ella, o qual eu mostrei no pulpito; que dentro daquella semana a deitasse fóra, sob pena de lhe prohibir o ingresso da egreja; o que fiz por ser peccado mui notorio e escandaloso, e elle pessoa de quem se esperava outra cousa e muitos tomavam occasião de tomarem outras. O que tudo Nosso Senhor remediou com isto que lhe fiz, porque logo a deitou de casa, e os outros que o tinham imitado no mal o imitaram tambem nisto, que botaram tambem as suas, antes que mais se soubesse e agora ficou grande meu amigo. Agora ninguem de que se presuma mal merca, estas escravas. Neste officio me metti em ausencia do Vigario Geral, parecendo-me que em cousas de tanta necessidade, Nosso Senhor me dava cuidados destas ovelhas.

Alguns blasphemadores publicos do nome do Senhor havia, os

quaes admoestamos por vezes em os sermões, lendo-lhes as penas do direito, e admoestando ao Ouvidor Geral (13) que attentasse por isso. Gloria ao Senhor, vai-se já perdendo este mau costume e, si acontece cahir alguém pelo mau costume, vem-se a mim pedir-me penitencia. Nestes termos está esta gente. Agora temo que, vindo o Vigario Geral que já é chegado a uma povoação aqui perto, se ousem a alargar mais. Eu ladrarei quanto puder.

Escrevi a Vossa Reverendissima acêrca dos saltos que se fazem nesta terra, e de maravilha se acha cá escravo que não fosse tomado de salto, e é desta maneira que fazem pazes com os Negros para lhes trazerem a vender o que têm e por engano enchem os navios delles e fogem com elles; e alguns dizem que o podem fazer por os Negros terem já feito mal aos Christãos. O que posto que seja assim, foi depois de terem muitos escandalos recebidos de nós. De maravilha se achará cá na terra, onde os Christão não fossem causa da guerra e dissensão, e tanto que nesta Bahia, que é tido por um Gentio dos peiores de todos, se levantou a guerra por os Christãos, porque um Padre (14), por lhe um Principal destes Negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem.

De maneira que os primeiros escandalos são por causa dos Christãos, e certo que, deixando os maus costumes que eram de seus avós, em muitas cousas fazem vantagem aos Christãos, porque melhor moralmente vivem, e guardam melhor a lei da natureza. Alguns destes escravos me parece que seria bom juntal-os e tornal-os á sua terra e ficar lá um dos nossos para os ensinar, porque por aqui se ordenaria grande entrada com todo este Gentio.

Entre outros saltos que nesta costa são feitos, um se fez ha dous annos muito cruel, que foi irem uns navios a um Gentio, que chamam os Carijós (15), que estão além de S. Vicente, o qual todos

(13) Dr. Pero Borges, que veio com Thomé de Sousa.

(14) Provavelmente o Bezerra, a quem se refere Porto Seguro, *Hist.*, pg. 200. — [Veja a carta de Pero Borges a D. João III, de 7 de Fevereiro de 1550, *op. cit.*, tomo I, 234, da 4ª ed.]. — G.

(15) No msc. da Bibl. Nac. lê-se *Chaçios*, evidentemente erro de cópia. Os Carijós dos Portuguezes e os Cariões e Carios dos Hespanhoes são os Guaranis. V. Gusman, *Argentina* (1624), publ. por Angelis em 1835, Liv. I, Cap. V, pg. 17. Já em 1527 Diego Garcia os conhecia com o nome de *Guara-*

dizem que é o melhor gentio desta Costa, e mais aparelhado para se fazer fructo: elle sómente tem duzentas leguas de terra: entre elles estavam convertidos e baptisados muitos. Morreu um destes clerigos, e ficou o outro e proseguiu o fructo: foram alli ter estes navios que digo, e tomaram o Padre dentro em um dos navios com outros que com elle vinham e levantaram as velas; os outros que ficaram em terra vieram em paus a bordo do navio, que levassem embora os Negros e que deixassem o seu Padre, e por não quere-rem os dos navios, tornaram a dizer que, pois levavam o seu Padre, que levassem tambem a elles, e logo os recolheram e os trouxe-ram, e o Padre puzeram em terra, e os Negros desembarcaram em uma capitania, para venderem alguns delles, e todos se acolheram á egreja, dizendo que eram christãos, e que sabiam as orações e ajudar a missa, pedindo misericordia.

Não lhes valeu, mas foram tirados e vendidos pelas capitancias desta costa. Agora me dizem que é lá ido o Padre a fazer quei-xume; delle poderá saber mais largo o que passa. Agora temos assentado com o Governador, que nos mande dar estes Negros, para os tornarmos á sua terra, e ficar lá Leonardo Nunes para os ensinar.

Desejo muito que Sua Alteza encommendasse isto muito ao Governador, digo, que mandasse provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos a sua terra, e que por parte da Justiça se saiba e se tire a limpo, posto que não haja parte, pois disto depende tanto a paz e conversão deste Gentio. E Vossa Reverendissima não seja avarento desses Irmãos e mande muitos para soccorrêrem a tantas e tão grandes necessidades, que se perdem estas almas á mingua, *petentes panem et non est qui frangat eis*. Lá bem abastam tantos Religiosos e pregadores, muitos Moysés e Prophetas ha lá.

Esta terra é nossa empresa, e o mais Gentio do mundo. Não deixe lá Vossa Reverendissima mais que uns poucos para aprender,

nies (Rev. do Inst., XV, 1852, pg. 13); Luiz Ramirez na carta do Rio da Prata de 10 de Juho de 1528 (*Ibi, ibi*, pp. 21 e 27) tambem os chama *Guarenis y por otro nombre Chandis II*. Ainda em 1556 Bartholomeu Garcia os chamava em Assumpção do Paraguay de *Guaranies*. (*Cartas de Indias*, Madrid, 1877, pg. 606).

os mais venham. Tudo lá é miseria quanto se faz: quando muito ganham-se cem almas, posto que corram todo o Reino; cá é grande manchêa. Será cousa muito conveniente haver do Papa ao menos os poderes que temos do Nuncio e outros maiores, e podermos levantar altar em qualquer parte, porque os do Nuncio não são perpetuos, e assim que nos commetta seus poderes acerca destes saltos, para podermos commutar algumas restituções e quietar consciencias e amea-ços que cada dia acontecem, e assim tambem que as leis positivas não obriguem ainda este Gentio, até que vão aprendendo de nós por tempo, *scilicet*: jejuar, confessar cada anno e outras cousas simi-lhantes; e assim tambem outras graças e indulgencias, e a bulla do Santissimo Sacramento para esta cidade da Bahia, e que se possa communicar a todas as partes desta costa, e o mais que a Vossa Reverendissima parecer.

E' muito necessario cá um Bispo para consagrar oleos para os baptisados e doentes e tambem para confirmar os Christãos que se baptisam, ou ao menos um Vigario Geral para castigar e emendar grandes males, que assim no ecclesiastico como no secular se commettem nesta costa, porque os seculares tomam exemplo dos sacerdotes e o Gentio de todos; e tem-se cá que o vicio da carne que não é peccado, como não é notavelmente grande e consente a heresia que se reprova na egreja de Deus. *Quod est dolendum*. Os oleos que mandamos pedir nos mande, e vindo Bispo, não seja dos que *quærunt sua, sed quæ Jesu Christi*. Venha para trabalhar e não para ganhar.

Eu trabalhei por escolher um bom logar para o nosso Collegio dentro na cerca e sómente achei um, que lá vai por mostra a Sua Alteza, o qual tem muitos inconvenientes, porque fica muito junto da Sé e duas egrejas juntas não é bom, e é pequeno, porque onde se ha de fazer a casa não tem mais que dez braças, posto que tenha ao comprido da costa quarenta, e não tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa mui ingreme, e com muita sujeição da cidade. E portanto a todos nos parece melhor um teso que está logo além da cerca, para a parte d'onde se ha de estender a cidade, de maneira que antes de muitos annos podemos ficar no meio, ou pouco menos da gente, e está logo ahi uma aldêa perto,

onde nós começamos a baptisar, em a qual já temos nossa habitação (16). Está sobre o mar, tem agua ao redor do Collegio, e dentro delle tem muito logar para hortas e pomares; é perto dos Christãos, assim velhos como novos. Sómente me põe um inconveniente o Governador: não ficar dentro na cidade e poder haver guerra com o Gentio, o que me parece que não convence, porque os que hão de estar no Collegio hão de ser filhos de todo este Gentio, que nós não temos necessidade de casa, e posto que haja guerra, não lhes póde fazer mal; e quando agora nós andamos, lá dormimos e comemos, que é tempo de mais temor, e nos parece que estamos seguros, quanto mais depois que a terra mais se povoar. Quanto mais que primeiro hão de fazer mal nos engenhos, que hão de estar entre elles e nós, e quando o mal fôr muito, tudo é recolher á cidade, mórmente que eu creio que ainda que façam mal a todos que a nós nos guardarão, pela affeição que já nos começam a ter; e ainda havendo guerra, me pareceria a mim poder estar seguro entre elles neste começo, quanto mais depois. De maneira que cá todos somos de opinião que se faça alli, e Vossa Reverendissima devia de trabalhar por lhe fazer dar logo principio, pois disto resulta tanta gloria ao Senhor e proveito a esta terra.

A mais custa é fazer a casa, por causa dos officiaes que hão de vir de lá, porque a mantença dos estudantes, ainda que sejam duzentos, é muito pouco, porque com o terem cinco escravos que plantem mantimentos e outros que pesquem com barcos e redes, com pouco se manterão; e para se vestir farão um algodão, que ha cá muito. Os escravos são cá baratos, e os mesmos paes hão de ser cá seus escravos. E' grande obra esta e de pouco custo; nos vindo agora o Vigario nos passamos para lá, por causa dos convertidos, onde estaremos, Vicente Rodrigues, eu e um soldado que se metteu comnosco para nos servir, e está agora em exercicios, de que eu estou muito contente. Faremos nossa igreja, onde ensinaremos os nossos novos Christãos; e aos domingos e festas visitarei a cidade e préarei.

O padre Antonio Pires e o padre Navarro estarão em outras

(16) No monte Calvario.

aldêas longe, onde já lhes fazem casas. E portanto, é necessario Vossa Reverendissima mandar officiaes, e hão de vir já com a paga, porque cá diz o Governador, que, ainda que venha alvará de Sua Alteza para nos dar o necessario, que não o haverá hi para isto. Os officiaes que cá estão têm muito que fazer, e que o não tenham estão com grande saudade do Reino, porque deixam lá suas mulheres e filhos, e não acceitarão a nossa obra, depois que cumprirem com Sua Alteza, e tambem o trabalho que têm com as viandas e o mais os tira disso. Portanto me parece que haviam de vir de lá, e, si possivel fosse, com suas mulheres e filhos, e alguns que façam taipas, e carpinteiros. Cá está um mestre para as obras, que é sobrinho de Luiz Dias (17), mestre das obras d'El-rei, o qual veio com 30\$ de partido; este não é necessario, porque basta o tio para as obras de Sua Alteza, a este haviam de dar o cuidado de nosso Collegio; é bom official.

Serão cá muito necessarias pessoas que teçam algodão, que cá ha muito e outros officiaes. Trabalhe Vossa Reverendissima por virem a esta terra pessoas casadas, porque certo é mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muito mal, e já que cá viessem havia de ser para andarem aferrolhados nas obras de Sua Alteza. Tambem peça Vossa Reverendissima algum petitorio de roupa, para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da Religião Christã, porque vêm todos a esta cidade á missa aos domingos e festas, que faz muita devoção e vêm resando as orações que lhes ensinamos e não parece honesto estarem nuas entre os Christãos na igreja, e quando as ensinamos. E d'isto peço ao padre mestre João tome cuidado, por elle ser parte na conversão destes Gentios, e não fique senhora nem pessoa a que não importune por causa tão santa, e a isto se haviam de applicar todas as restituições que lá se houvessem de fazer, e isto agora sómente no começo, que elles farão algodão para se vestirem ao deante.

Os Irmãos todos estão de saude, e fazem o officio a que foram

(17) Este veio com Thomé de Sousa. (Porto Seguro, *Hist.*, pg. 235). — [O sobrinho de Luis Dias chamava-se Diogo Peres, *op. cit.* tomo I, 296, da 4ª ed.]. — G.

enviados: sómente Antonio Pires se acha mal das pernas que lhe arreventaram depois das maleitas que teve, e não acaba de ser bem são.

Leonardo Nunes mandei aos Ilhéos, uma povoação daqui perto, onde dá muito exemplo de si e faz muito fructo, e todos se espantam de sua vida e doutrina; foi com elle Diogo Jacome, que fez muito fructo em ensinar os moços e escravos. Agora pouco ha vieram aqui a consultar-me algumas duvidas, e estiveram aqui por dia do Anjo (18), onde baptisamos muitos; tivemos missa cantada com diacono e subdiacono; eu disse missa, e o padre Navarro a Epistola, outro o Evangelho. Leonardo Nunes e outro clerigo com leigos de boas vozes regiam o côro; fizemos procissão com grande musica, a que respondiam as trombetas. Ficaram os Indios espantados de tal maneira, que depois pediam ao padre Navarro que lhes cantasse como na procissão fazia. Outra procissão se fez dia de *Corpus Christi* (19), mui solemne, em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito enramadas, houve danças e invenções á maneira de Portugal. Agora é já partido Leonardo Nunes com Diogo Jacome, e lá me hão de esperar quando eu fôr com o Ouvidor, que irá daqui a dous mezes pouco mais ou menos. O padre Navarro fez muito fructo entre estes Gentios, lá está toda a semana. Vicente Rodrigues tem cuidado de todos baptisados. Antonio Pires e eu estamos o mais tempo na cidade para os Christãos, e não para mais que até chegar o Vigario. Todos são bons e proveitosos, sinão eu que nunca faço nada; e assás devoção ha, pois meu mau exemplo os não escandalisa.

Temos muita necessidade de baptisterios, porque os que cá vieram não valiam nada e hão de ser romanos e bracharenses, porque os que vieram eram venezianos, e assim de muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e imagens e crucifixos, e outras cousas semelhantes, o mais que puder; tudo o que nos mandaram que lá ficava, veiu a muito bom recado.

Folgariamos de ver novas do Congo; mande-nol-as Vossa Re-

(18) 19 de Julho.

(19) 13 de Junho.

verendissima. A todos estes senhores devemos muito, pelo muito amor que nos têm, posto que o de alguns seja servil.

O Governador nos mostra muita vontade. Pero de Góes (20), nos faz muitas charidades. O Ouvidor Geral é muito virtuoso e ajuda-nos muito. Não fallo em Antonio Cardoso (21), que é nosso pae. A todos mande Vossa Reverendissima os agradecimentos.

Antonio Pires pede a Vossa Reverendissima alguma ferramenta de carpinteiro, porque elle é nosso official de tudo; Vicente Rodrigues, porque é ermitão, pede muitas sementes; o padre Navarro e eu, os livros, que já lá pedi, porque nos fazem muita mingua para duvidas que cá ha, que todas se perguntam a mim. E todos pedimos sua benção e ser favorecidos em sua orações com Nosso Senhor.

Agora vivemos de maneira que temos disciplina ás sextas-feiras, e alguns nos ajudam a disciplinar; é por os que estão em peccado mortal e conversão deste Gentio, e por as almas do Purgatorio, e o mesmo se diz pelas ruas, com uma campainha, segundas e quartas-feiras, assim como nos Ilhéos. Temos nossos exames á noite, e ante-manhã uma hora de oração, e o mais tempo visitar o proximo e celebrar, e outros serviços de casa. Resta, *mi Pater*, que rogue a Nosso Senhor por seus filhos e por mim, *ut quos dedisti non perdam ex eis quemquam*. Pedimos sua benção.

Desta Bahia á 9 de Agosto de 1549.

Publicada pela primeira vez em 1843 na *Rev. do Inst. Hist.*, t. V., pp. 435/442 [3ª ed., 463/470]; depois reproduzida no vol. 2º da *Chronica de Simão de Vasconcellos*, ed. de Lisboa de 1865, pp. 293/300.

Barbosa Machado diz que o autographo igualmente se conservava no archivo do Collegio de S. Roque.

(20) O desafortunado donatario de Campos dos Goytacazes, irmão do chronista Damião de Góes, segundo Varnhagen, *Hist.*, pg. 13. [A versão desse parentesco entre o chronista e o donatario está completamente arredada por Pedro de Azevedo, *Hist. da Col. Portuguesa do Brasil*, III, 212/213]. — G. — Veiu ainda uma vez ao Brasil com Thomé de Sousa como capitão-mór da costa.

(21) de Barros, que veiu com o Governador como provedor-mór da Fazenda. Foi um dos primeiros donatarios do Brasil, mas a respeito da sua donataria quasi nada se sabe.

CARTAS
DO
ANTONIO VIEYRA
da Companhia de JESU
COMO PRIMEIRO.

OFFERECIDO
AO EMINENTISSIMO SENHOR
JUNO DA CUNHA
E ATTAYDE

Pytero Cardeal da Santa Igreja de Roma
Titulo de Santa Anastasia, do Conselho
Estado, Guerra, e Despacho de Sua
Majestade, Inquisidor Geral nestes
Reynos, e Senhorios de Portugal.



LISBOA OCCIDENTAL,
Officina da Congregação do Oratorio.

M. DCC. XXXV..

Com todas as licenças necessarias.

Frontispício do primeiro tomo da edição de 1735 das Cartas de Antônio Vieira.

Cartas do Brasil

1626-1697

Estado do Brasil

e Estado do Maranhão e Grã Pará

Padre Antônio Vieira

Organização

João Adolfo Hansen

hedra

São Paulo 2003

Auka 18.4.13

"7 cópias"

Ao Rei D. João IV
4 de abril de 1654

Senhor. — Recebi a carta que V. M. me fez mercê mandar escrever, e, depois de a venerar com todo o affecto que devo, achou a minha alma nela toda a consolação que V. M., por sua piedade e grandeza, quis que eu com ela recebesse. Dou infinitas graças a Deus pelo grande zelo da justiça e salvação das almas que tem posto na de V. M., para que, assim como tem sido restaurador da liberdade dos Portugueses, o seja também das destes pobres Brasis, que há trinta e oito anos padecem tão injustos cativeiros e tiranias do nome cristão.

Eu li aos índios, assim do Pará como deste Maranhão, a carta de V. M. traduzida na sua língua, e com ela ficaram mui consolados e animados e se acabaram de enganar que o não serem até agora remediadas suas opressões era, por não chegarem aos ouvidos de V. M. seus clamores; esperam pelos efeitos destas promessas, tendo por certo que lhe não sucederá com elas o que até agora com as demais, pois as vêem firmadas pela real mão de V. M.

V. M. me faz mercê dizer que mandou se confirmassem os despachos com tudo o que de cá apontei; mas temo que aconteça ao Maranhão o que nas enfermidades agudas, que entre as receitas e os remédios piore o enfermo de maneira que, quando se vêm a aplicar, é necessário que sejam outros mais eficazes. Tudo neste Estado tem destruído a demasiada cobiça dos que governam, e ainda depois de tão acabado não acabam de continuar os meios de mais o consumir. O Maranhão e o Pará é uma Rochela de Portugal, e uma conquista por conquistar, e uma terra onde V. M. é nomeado, mas não obedecido.

Vim com as ordens de V. M., em que tanto me encarregou a conservação destas gentilidades, e aos governadores e capitães-mores que me dessem toda a ajuda e favor que lhe pedisse para as jornadas que se houvessem de fazer ao sertão. Apresentei as ditas ordens ao capitão-mor Baltasar de Souza¹, e logo assentamos que a primeira missão fosse o descobrimento dos índios Ibirajaras², de quem há fama nestas partes que são descendentes de homens da Europa, que aqui vieram dar num naufrágio.

Fez-se este ajustamento no primeiro de março de 1653, para se executar em junho do mesmo; e, fazendo eu todas as diligências e muitas mais das que me tocavam, o capitão-mor me foi entretendo sempre com promessas e demonstrações exteriores de prevenções, até partir o último navio daquele ano,

¹ Baltasar de Sousa Pereira. (JLA)

² Ubirajara no Ms. de Évora. Ambas as grafias correspondem ao vocábulo tupi. Com o mesmo nome se designava uma tribo de ferozes selvagens, no sertão da Bahia, que como arma usavam um pau tostado, agudo em ambas as pontas, o qual de longe arremessavam; e daí lhes veio o título, que significa senhores dos paus. A estes do Maranhão chamavam também Barbados. (JLA)

para que eu já não tivesse por onde avisar a V. M. Partido o navio, fui às aldeias a fazer resenha da gente e das armas que tinham para a jornada, e, tanto que o capitão-mor me teve ausente, fez uma junta a que chamou as pessoas que ele quis, e por seus votos, posto que não de todos, se assentou que não era tempo de ir ao dito descobrimento e disso se fez um auto, com que ficou desfeita a missão.

Este, Senhor, foi o pretexto; mas a causa que se teve por verdadeira era porque os índios neste Maranhão são poucos, e se queria aproveitar deles, como aproveita, ou ocupando-os em cousas de seus interesses, ou repartindo-os com quem lhos sabe agradecer. E prova-se claramente que nunca teve tenção de que a jornada se fizesse, porque, havendo de ser dezoito ou vinte canoas que havia de ter prevenidas, pedindo-lhe eu uma, tanto que se desfez a missão para ir ao Pará, custou-lhe muito o buscá-la para me dar; e sobretudo, no mesmo tempo em que se havia de dispor a jornada, mandou ele fazer duas grandes lavouras de tabaco, as quais era força que se colhessem e beneficiassem no mesmo tempo, e pelos mesmos índios que haviam de ir a ela, por não haver outros. E não é de crer que um homem que é pobre, e tem desejo de o não ser, quisesse perder a sua lavouira e plantar o que não havia de colher.

E estes indícios eram tão manifestos, ainda antes de se descobrir o efeito deles, que por vezes me os avisaram os padres que andavam pelas aldeias, advertindo-me que me não fiasse das promessas do capitão-mor, porque eles não viam disposição nenhuma nos índios, e os trazia o dito capitão-mor ocupados todos em cousas muito alheias do nosso pensamento.

Finalmente, o tempo em que a missão se assentou era não só bastante, senão dobrado do que se havia mister para a prevenção e disposição dela, quanto vai de março a junho. Assim que, se faltou o tempo, foi porque o não quis aproveitar quem tinha obrigação disso, e mais fazendo-lhe eu continuas lembranças, como fazia.

Desenganado desta missão, ou enganado nela, parti-me para o Pará com os padres que tinha detido, e, tratando de passar ao rio das Amazonas me ofereceu o capitão-mor dali, Inácio do Rego³, outra missão para o rio Tocantins, em que se dizia estarem abaladas muitas aldeias de índios para se descerem.

Acceitei, e tratei logo de se dispor tudo o que nos era necessário; mas as traças e enganços com que neste negócio se houve Inácio do Rego, e as máqui-nas que urdia para levar o efeito desta entrada ao fim de seus interesses, é impossível podê-lo eu representar a V. M.

Primeiramente, dizendo ele que os índios eram mais de dez ou doze mil, tratou de os repartir todos pelos moradores, que era um modo corado de os cativar e vender, sem mais diferença que chamar à venda repartição, e ao preço, agradecimento. Por vezes me disse que os havia de repartir na forma sobredita, oferecendo-me que tomaria deles para as nossas aldeias do

³ Inácio do Rego Barreto. (JLA)

Maranhão e Pará todos os que quisesse, o que eu de nenhuma maneira aceitei: só disse que os índios, quando quisessem vir por sua vontade, se haviam de pôr em suas aldeias nos lugares que fossem mais acomodados à sua conversão, porque isto era o que V. M. ordenava, e o contrário, manifesta violência e injustiça. Procurei que, antes que os ditos índios descessem do sertão, se lhes fizessem mantimentos, para que, vindo, não morressem à fome, como sucede ordinariamente em semelhantes casos; mas Inácio do Rego me respondeu por vezes que morressem muito embora, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam batizados.

Esta é uma das causas que têm destruído infinidade de índios neste Estado: tirarem-nos de suas terras e trazerem-nos às nossas, sem lhe terem prevenidos os mantimentos de que se hão-de sustentar; mas fazem-no assim os que governam, porque, se houverem de fazer as prevenções necessárias, há-de-se gastar muito tempo nelas, e entretanto passam-se os seus três anos, e eles antes querem cinquenta índios que os sirvam, ainda que morram quinhentos, que muitos mil vivos e conservados, de que eles se não hajam de aproveitar.

Enfim, depois de grandes batalhas, vim a conseguir que os índios se houvessem de trazer para quatro aldeias das antigas do Pará, em que se pudessem menos incomodamente doutrinar, sendo que V. M., nas ordens que foi servido dar-me, ordena que os índios que descerem do sertão se ponham no lugar que eu eleger e julgar por mais conveniente; mas nada disto me quer consentir, nem guardar, Inácio do Rego, e ainda no ajustamento das quatro aldeias faltou logo com a palavra, mandando que fossem trazidos os índios para oito aldeias, e essas as que mais acomodadas ficavam aos seus tabacos e outros interesses.

Nas sobreditas ordens manda V. M. que as missões ao sertão, ou por mar, ou por terra, as faça eu na forma que julgar e tiver por melhor; e, no particular das ditas missões, só encarrega V. M. aos governadores e capitães-mores que me dêem canoas e índios, com pessoas práticas e o demais que for necessário. Assim mais manda V. M. no regimento dos capitães-mores que, sob pena de caso maior, nenhuma pessoas secular, de qualquer estado ou condições que seja, possa ir ao sertão buscar os gentios por nenhum modo, nem trazê-los ainda que seja por sua vontade; e, sem embargo, Senhor, destas duas ordens de V. M., a primeira tão particular e a segunda tão apertada, entregou Inácio do Rego esta jornada do rio dos Tocantins a um Gaspar Cardoso, ferreiro atual com tenda aberta, fazendo-o capitão e cabo dela; a este homem deu o regimento do que se havia de obrar, ordenando-lhe que ele fizesse as práticas aos índios e que os trouxesse e pusesse nos lugares que lhe nomeava; enfim, entregando tudo à sua disposição, e só no cabo do regimento lhe dizia que me desse conta do que fizesse.

Repliquei a este regimento e mostrei a Inácio do Rego as ordens de V. M.; requeri-lhe da parte do serviço de Deus e de V. M. que nos não quisesse perturbar as nossas missões, nem intrometer-se no que V. M. nos encomen-

dava a nós e não a ele, antes a ele o proibia; e que, se era necessário ir capitão e soldados para a segurança da jornada, que fossem muito embora; mas que esses entendessem só no que tocasse à guerra, e não no particular de praticar ou descer os índios, pois V. M. no-lo encomendava a nós, e para isso mandava vir padres, linguas do Brasil, a tantas despesas suas; e sobretudo proíbe expressamente, e sob tão graves penas, que nenhuma pessoa secular pudesse ir buscar índios: mas de nada disto fez caso Inácio do Rego, dizendo que não havia de mudar o seu regimento, e assim o deu ao dito Gaspar Cardoso, mandando-lhe que o guardasse inviolavelmente.

Sucedeu isto tudo no mesmo dia da partida. Indo-me já embarcar, veio ter comigo o vigário-geral do Pará-Mateus de Sousa Coelho⁴, de quem V. M. por outra via terá largas informações, íntimo amigo e confidente de Inácio do Rego. Trouxe-me o dito vigário um papel, em que Inácio do Rego ordenava a Gaspar Cardoso que seguisse na jornada o que eu dispusesse; mas aqui esteve o maior engano de todos, porque, debaixo desta ordem, lhe deu Inácio do Rego outra em contrário, em que lhe mandava que a não guardasse e fizesse em tudo o que dizia no regimento que lhe dera: e com efeito assim o fez e cumpriu o dito Gaspar Cardoso.

Partimos para o rio dos Tocantins, eu e outros três religiosos, todos sacerdotes teólogos e práticos na língua da terra, e dois deles insígnies nela. Navegamos pelo rio a cima duzentas e cinquenta léguas; chegamos ao lugar onde estavam os índios que íamos buscar; e Gaspar Cardoso foi o que, conforme o seu regimento, governou sempre tudo, e o que em seu nome antes de chegar mandava embaixada aos índios, e a quem eles foram reconhecer depois de chegado, e o que lhes disse que os ia buscar da parte de V. M. e do governador, e o que lhes fazia as práticas por meio de um mulato que lhe servia de intérprete: e no mesmo tempo estávamos nós nas nossas barracas, mudos como se nos não pertencera aquela empresa, nem tivéramos linguas, nem tanta autoridade como o ferreiro para falar, nem fôramos aqueles homens a quem V. M. mandou vir ao Maranhão com tantos empenhos só para este fim, nem Gaspar Cardoso fosse secular a quem V. M. o proíbe sob pena de caso maior.

Fiz por três vezes requerimento ao dito Gaspar Cardoso se não intromettesse no que lhe não tocava, e era próprio de nossa profissão, e para que V. M. nos mandara; mostrei-lhe e li-lhe, diante dos padres e de oito ou dez soldados que levava consigo, a ordem de V. M. e a do capitão-mor e respondeu publicamente que a de V. M. não podia guardar e que a do capitão-mor não queria. Bem entenderam todos que este modo de falar era de quem se fiava em ordem secreta que tinha encontrada, e assim mo declarou o mesmo Gaspar Cardoso por muitas vezes, e a diferentes pessoas, como consta por certidões juradas, nas quais, e noutras que envio, poderá V. M. mandar ver outras muitas circunstâncias deste caso mui notáveis e indignas.

⁴N. de N. na 1ª ed. (JLA)

Enfim, Senhor, os pobres índios nos diziam que não queriam fazer outra cousa senão o que os padres quisessem e o que El-Rei mandava, trazendo sempre El-Rei na boca; mas Gaspar Cardoso e os seus, parte com promessas, parte com ameaças, parte com lhes darem demasiadamente de beber e os tirarem de seu juízo, parte com lhes dizerem que os padres haviam de tirar aos principais as muitas mulheres que costumavam ter, para com isto os alienarem de nós: com estas e outras semelhantes violências e impiedades, arrancaram de suas terras metade dos índios que ali estavam (e seriam por todos mil almas), e os trouxeram pelo rio a baixo; e depois de Gaspar Cardoso repartir alguns pelos soldados e levar outros para sua casa, a maior parte de todos se puseram na aldeia chamada de Mocajuba, sem embargo de não haver nela mantimentos alguns para se sustentarem; mas é esta aldeia a que está mais perto dos principais tabacos de Inácio do Rego.

Este foi, Senhor, o fim desta malograda missão, na qual, se se guardaram as ordens de V. M., e os padres se ficaram com os índios, como eles e nós pretendíamos, para se descerem depois comodamente, assim destas como de três outras nações vizinhas, esperávamos trazer, em mui pouco tempo, à fé de Cristo mais de cinco ou seis mil almas, e com elas muitas outras no mesmo rio.

Mas não só ficaram estas almas fora do grêmio da Igreja, senão que também foram os padres constrangidos a deixar naquele sertão muitas de inocentes que já tinham batizado, ficando em tão evidente risco de não terem jamais quem lhes ensine a fé que receberam e de viverem e morrerem como os demais gentios.

E certo, Senhor, é dor grande, e que há mister muita graça do Céu para se sofrer, verem tantos religiosos, homens de bem, que depois de deixarem suas pátrias e províncias e as comodidades que nelas tinham, e tudo quanto podiam ter, por amor de Deus; depois de passarem mares e atravessarem tão grandes e perigosos rios, padecerem fomes, frios, chuvas, enfermidades e as inclemências do mais destemperado clima que tem o Mundo; e depois de se exporem a tantos e tão evidentes perigos de vida, só por salvar estas pobres almas; que quando as tinham já quase dentro das redes de Cristo, lhas houvessem de tirar delas por uma violência tão enorme, e que os fizeram esta injúria a Deus, à fé, à Igreja e a V. M., não fossem os bárbaros das brenhas, nem outros homens inimigos ou estranhos, senão aqueles mesmos de quem V. M. confia os seus Estados, e a quem V. M. encomenda primeiro que tudo a conversão das almas, e lhes encarrega os meios dela sob pena de caso maior!

Por esta dor e por esta causa, foram de parecer todos os padres desta missão que eu partisse logo aos pés de V. M., a representar estas injustiças e violências, e a clamar e bradar, quando não bastasse, e assim estive deliberado; mas este pobre rebanho é tão pobre, tão desamparado e perseguido, que nem por poucos dias se pode deixar sem grande risco; e da real grandeza, justiça e piedade de V. M. esperamos que bastem estas regras para V. M. lhes mandar deferir com tão pronto e breve remédio como a matéria pede e como

todos estes perseguidos religiosos, vassallos de V. M. e seus missionários, prostrados aos reis pés de V. M., com todo o affecto de nossas almas lhe pedimos.

Pedimos, Senhor, a V. M. o que verdadeiramente é cousa indigna de pedir-se num reino tão católico como Portugal, e a um rei tão pio e tão justo como V. M.; pedimos que mande V. M. acudir aos ministros do Evangelho; que mande libertar a pregação da fé, e desforçá-la das violências que padece; que mande franquear o caminho da conversão das almas, e pô-las no alvedrio natural em que Deus as criou; e que mande V. M. tomar conta de todas as que nesta ocasião se puderem salvar, e se queriam converter, e ficam perdidas.

E porque a experiência nos tem mostrado quão pouco temidas e obedecidas são nestas partes as ordens de V. M., por particular mercê lhe pedimos que as que de novo for servido mandar-nos não sejam com cláusula de que, fazendo-se o contrário, se dê conta a V. M.; porque o recurso está mui distante, e não há navio senão de ano em ano, e em um ano, e em um mês, e em um dia perdem-se, Senhor, muitas almas. A pena de caso maior grande é, e que devera ser mui temida e respeitada; mas, como estas penas se ouvem tantas vezes e nunca se vêem, são tão mal criadas como nós estamos experimentando. Assim que, Senhor, não há senão isentar V. M. as missões de todas a intervenção e jurisdição dos que usam tão mal da que não têm, e libertar V. M. os ministros da pregação do Evangelho, pois Deus a fez tão absoluta e tão livre que não é bem que até a salvação dos índios seja neste Estado cativa como eles.

A muito alta e muito poderosa pessoa de V. M. guarde Deus como a Cristandade e os vassallos de V. M. havemos mister. Maranhão, 4 de abril de 1654.

ANTÔNIO VIEIRA